

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. *Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontínuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontínuos@dirbi.ufu.br).*

4058  
59(c)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**O GOLPE DE 1964 NAS PÁGINAS DO  
*CORREIO DE UBERLÂNDIA***

**LUCIANA ARANTES BUIATI**

4058  
T.C. 5.9(c)  
Assunto História | Didática

**LUCIANA ARANTES BUIATI**

**O GOLPE DE 1964 NAS PÁGINAS DO  
*CORREIO DE UBERLÂNDIA***

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Kátia Rodrigues Paranhos.

**Uberlândia, janeiro de 2010.**

**LUCIANA ARANTES BUIATI**

**O GOLPE DE 1964 NAS PÁGINAS DO  
*CORREIO DE UBERLÂNDIA***

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Kátia Rodrigues Paranhos (Orientadora)

---

Ms. Fabiana de Paula Guerra

---

Mestranda Roberta Paula Gomes Silva



## **Agradecimentos**

Essa monografia significa a conclusão de uma importante etapa da minha vida. Muitos foram os percalços para chegar até aqui, porém, muitos foram aqueles que contribuíram para que as dificuldades não fossem maiores do que a capacidade de lutar. A vocês, a minha gratidão, meu carinho, reconhecimento e sinceros agradecimentos.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, que é o meu refúgio, a minha fortaleza. Sem Ele eu nada sou. “Porque Dele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas, glórias, pois, a ele eternamente. Amém”(ROMANOS 11:36).

Ao meu amado esposo, que não poupou incentivos, sempre presente em todos os momentos.

À minha amada mãe, que não mediu esforços para me propiciar essa e tantas outras conquistas de minha vida.

À minha querida vovó, que jamais deixou de acreditar e pelo apoio de sempre.

À professora Dra. Kátia Rodrigues Paranhos, minha orientadora, pelo cuidado, a dedicação e o carinho, para além do respeito e paciência que marcaram esse trajeto.

À minha querida amiga Gláucia, companheira fiel com quem compartilho a alegria da caminhada acadêmica em suas experiências e aprendizados.

Aos meus colegas de turma, pela vivência e companheirismo.

*Bem aventurado o homem que acha sabedoria, e o  
homem que adquire conhecimento.*

**Provérbios 3:13**

## Resumo

O trabalho em questão tem como objetivo discutir o golpe civil-militar de 1964, em especial no contexto que antecede ao acontecimento, a partir do jornal *Correio de Uberlândia*. O objetivo é destacar as interpretações do periódico e suas consonâncias com os interesses dos dirigentes uberlandenses.

As matérias analisadas são assinadas por jornalistas, especialmente o jornalista Lycidio Paes, e se estendem entre o ano de 1961 a abril de 1964, destacando algumas matérias pós-golpe que indicam o posicionamento do jornal *Correio de Uberlândia* perante a efetivação da tomada do poder pelos militares. Tais matérias são avaliadas a partir de atos e propostas políticas, tais como, a renúncia de Jânio Quadros, o comício na Central do Brasil e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, até a atuação militar e a efetivação do golpe, que nos permite refletir acerca dos interesses políticos que motivaram as manifestações de apoio e legitimação do acontecimento, expressas pela elite uberlandense e propagadas pelo jornal *Correio de Uberlândia*.

É válido destacar que o presente trabalho não tem pretensão de esgotar as discussões acerca do tema, visto que as análises são direcionadas conforme o recorte estabelecido na escolha do objeto de pesquisa. A intenção é trazer a reflexão o período que antecede o golpe civil-militar em 1964, a luz do contexto de nossa cidade, através do diálogo com o jornal *Correio de Uberlândia*.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

Jornal como fonte de pesquisa.....	07
------------------------------------	----

### CAPÍTULO I

Páginas do *Correio*: cenário pré-golpe sob a ótica do jornal

1.1) <i>Correio de Uberlândia</i> : trajetória do periódico.....	17
1.2) Um olhar sob a década de 60.....	21

### CAPÍTULO II

Ditadura militar: da metrópole ao centro urbano

2.1) Cenário nacional.....	32
2.2) Um ponto de vista mineiro.....	38
2.3) Contexto uberlandense: a efetivação do golpe.....	44

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
---------------------------	----

FONTES.....	61
-------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
---------------------------------	----

## INTRODUÇÃO

### Jornal como fonte de pesquisa

A ditadura militar no Brasil é um acontecimento marcante que veio ao encontro de interesses de determinados grupos que, empenhados no lema de preservar a segurança nacional frente às ameaças comunistas, implanta no país a partir de 1964 um quadro político, econômico e social salutar no que se refere à trajetória da sociedade brasileira. Quatro décadas se passaram, porém, não foi o suficiente para extenuar as indagações e reflexões sobre o fato.

*O tempo é uma categoria da história plena de múltiplos significados. Sendo abstrato é paradoxalmente concreto, pois traduz processos efetivos de movimento e/ou estagnação; de continuidade e/ou ruptura; de inovação e/ou manutenção; de passagem e/ou permanência; de velocidade e/ou lentidão, entre outras inúmeras dicotomias e correlações.<sup>1</sup>*

Nesse sentido, o tempo ainda impregna as marcas da permanência ao se tratar da pesquisa em relação à temática da ditadura militar no Brasil. Em 2004, ano que marcou quarenta anos passados do acontecimento, são notáveis as publicações a respeito do assunto, que estiveram em evidência quanto à quantidade e diversidade.

*Auditórios lotados, em todas as grandes cidades do país, principalmente por gente jovem, querendo ouvir, ler, saber, participar das batalhas de memória, reapropriar-se criticamente do passado, o seu passado, o de seu país, para situar-se melhor no presente e poder descortinar perspectivas de futuro. Não faltaram naturalmente os ex-combatentes, alguns já encanecidos, interferindo, testemunhando, analisando, tentando persuadir as platéias para suas versões. Mas já ao lado deles, uma nova geração de estudiosos, que não viveu pessoalmente os episódios, e extrai sua reflexão de documentos orais e escritos, e não mais da traiçoeira memória. E o mais jovens ainda, imenso contingente, mordidos pela curiosidade de alcançar através das barreiras do silêncio, do esquecimento e das polêmicas, um passado sempre fugidio, cambiante, que se redefine nas memórias, nos testemunhos e nas versões contraditórias.<sup>2</sup>*

<sup>1</sup> REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.) O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964.2004). **1964: temporalidade e interpretações**. São Paulo: Edusc, 2004, p. 15.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*. p. 9.



Muitos são os motivadores para a bibliografia existente bem como as pesquisas em andamento que tratam a ditadura militar no Brasil como objeto de estudo e dentre tais, o que me incitou para a escolha do tema consiste na necessidade de ultrapassar a barreira do esquecimento, visto que, na tentativa de recuperar a memória histórica do período junto a alguns entes familiares, especialmente no que se refere às repercussões do fato em Uberlândia, não obtive sucesso. Como admitir que um fato tão ímpar na história do Brasil não obteve repercussões significativas no contexto local?

O trabalho em questão consiste na materialização de uma série de vivências e anseios delineados ao longo da minha trajetória acadêmica, que se aglutinaram com inquietações pessoais não respondidas. Por meio dele, me proponho a trabalhar com a temática da ditadura militar, através da análise do jornal *Correio de Uberlândia*, com evidência para os aspectos pré-golpe que tornaram o ano de 1964 um marco dispar: viu-se nele, por um lado, a glória política para um grupo muito específico da sociedade, entretanto, por outro lado, delimitou-se o início de um período de contendas sociais e grande repressão ideológica.

Mesmo que não aparente, uma vez que, o regime militar se dedicou com afinco a tornar suas diretrizes inquestionáveis e irrecusáveis perante a sociedade, muitas e múltiplas foram às manifestações que emergiram desse contexto. Nesse sentido, os reflexos da ditadura não se limitaram aos grandes centros urbanos, mesmo que, grande parte da historiografia que se dedicou a esse momento histórico, por vezes, tenha direcionado atenção especial às grandes metrópoles nacionais como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Desta forma, a extensa disponibilidade de fontes de pesquisa que relatam cada um a seu modo, o contexto da ditadura militar no país atribuem enfoque especial a tais cidades, o que reforça a necessidade do fazer histórico em contar com a multiplicidade de fontes para desenvolver suas problemáticas bem como para tratar e/ou incitar as inquietações do pesquisador. Assim, constitui-se meu objeto de pesquisa: a possibilidade de contemplar o

contexto do período pré-golpe militar para além dos limiares das grandes metrópoles, pautada em uma pesquisa de um dos jornais de circulação periódica na década de 60 em Uberlândia: *Correio de Uberlândia*.

Não obstante, considerando a relevância do jornal como fonte de pesquisa para esse trabalho, destaca-se a necessidade de uma breve discussão acerca da utilização do mesmo e sua aplicação no fazer histórico.

O jornal como fonte regular de informações surgiu no início do século XVII. Tecnicamente seu desenvolvimento foi possível devido à melhoria dos métodos de impressão, desde o século XV; a melhoria dos transportes e das vias de comunicação físicas e o desenvolvimento do serviço postal que permitiu a difusão do jornal.

Desde então o jornal é notado como importante por possuir uma periodicidade que permite acompanhar os fatos no dia a dia e em um contexto mais amplo, sendo que a censura sofrida é evidente, instantânea e imediata, diferente de outras fontes que sofrem censura posterior.

Assim, o trabalho com esta fonte apresenta importância considerável visto que, o jornal veicula uma diversidade de idéias, discussões, anseios muito próximos aos acontecimentos do cotidiano, trazendo uma visão mais apaixonada e inflamada das posições e direcionamentos tomados em um dado contexto.

É válido ressaltar que o trabalho com esta fonte deve se embasar em certos cuidados. O jornal “não é uma totalidade absolutamente encerrada por si mesmo. Ele apresenta fissuras, espaços de resistência onde outros sentidos podem emergir”<sup>3</sup>. O pesquisador deve assumir uma postura crítica e analítica diante da fonte a fim de problematizar e suscitar questões e possibilidades.

Ao se trabalhar com os jornais deve-se levar em conta que se têm atribuído aos mesmos à responsabilidade de informar a opinião pública, onde as informações veiculadas

---

<sup>3</sup> MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 42.

constituem-se em matéria-prima indispensável do jornal para a construção desta opinião, tanto das camadas populares como dos setores dirigentes, detentores do poder. O espaço jornalístico se auto caracteriza como se configura num meio neutro e imparcial perante os acontecimentos por estar imerso na realidade social e política.

*A informação, matéria – prima para o jornalista, não pode ser oferecida ao público em sua forma bruta, inacabada e, portanto nebulosa. Sabemos que a informação, de importância vital para todas as correntes de atividades, localiza-se no centro do complexo humano e sujeita-se a pressões de diferentes matizes, desde as políticas às econômicas, filosóficas, jurídicas, técnicas, trabalhistas, além das resultantes dos sistemas governamentais vigentes”<sup>4</sup>*

Entretanto, a informação jornalística se torna um instrumento veiculador e manipulador de interesses, difundindo idéias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista, sendo um aparato ideológico atrelado a determinado grupo que busca influenciar as pessoas.

*Não existe imparcialidade na imprensa, mesmo que se abra espaço para diversas abordagens e autores. Sabe-se que só é publicado aquilo que está de acordo com as diretrizes do jornal, ou seja, todas as matérias a comporem as edições passam pelo crivo dos seus dirigentes.<sup>5</sup>*

Nesse sentido, vale destacar que a imparcialidade amplamente difundida como uma insígnia pelo meio jornalístico, esta limitada apenas a tentativa de se autodenominar em um meio que se faz portador de informações para os leitores, porém, ao contrário do esforço empenhado na consolidação de seu caráter imparcial, nota-se um arsenal de intenções e direcionamentos na composição do conteúdo divulgado em suas páginas conforme anseios de seus dirigentes.

<sup>4</sup> MAGALHÃES, Manoel Vilela de. **Edição jornalística: manual para estudantes de comunicação**. Brasília: Senado Federal, 1977, p: 58 (Coleção Machado de Assis, v.37).

<sup>5</sup> ALMEIDA, Cristiane Rodrigues Soares. **O governo João Goulart nas páginas da Folha de S. Paulo**. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. MG, 2008, p. 13.



As perspectivas educacionais e informativas dos jornais apontam para informações por vezes mais detalhadas em relação àquelas veiculadas no rádio e na televisão, tecendo críticas e influenciando opiniões. Esta transmissão e influência não são realizadas de forma unilateral onde o leitor é bombardeado pela mídia passivamente. A recepção das informações é feita de forma crítica onde o receptor apropria as mesmas criando e por vezes recusando os significados da mensagem. “A recepção é o momento em que os significados de um texto são constituídos pelos membros de um público”<sup>6</sup>.

Não se pode considerar aqui que o leitor faz uma interpretação totalmente autônoma das informações uma vez que, as próprias mensagens contidas no texto jornalístico fazem uso de críticas e argumentos ideológicos que por vezes acabam delimitando a interpretação de outras possibilidades. Entretanto, a recepção das informações que permeiam a opinião pública não é passiva, ao contrário, “nem sempre o receptor acata o que é emitido, sinal de que não é mero receptáculo onde certas idéias e determinados valores são depositados”<sup>7</sup>, o que evidencia uma interpretação seletiva e crítica das leituras realizadas, sendo necessário levar em conta o contexto social, político, econômico e educacional que tal público vivencia.

*O jornal, impresso ou televisionado, é um produto que vende um serviço, a informação, comprada pelos leitores. Assim, muitos pagaram pelo jornal impresso para saberem o que se passava nos seus mundos. Outros sofreram com o que estava impresso no jornal, mesmo que no dia seguinte este tenha virado simples papel de embrulho de peixe nas férias.*<sup>8</sup>

Assim, os discursos na imprensa não podem ser vistos como hegemônicos e totalizantes uma vez que são sujeitos a contestações ou mesmo, segundo Maria Helena Capelato<sup>9</sup>, estão suscetíveis a serem utilizados como instrumentos de interesses e intervenção

<sup>6</sup> BRETON, Philippe; PROULX Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola. 1882, p: 180.

<sup>7</sup> ALMEIDA, Cristiane Rodrigues Soares. *op. cit.*, p. 20.

<sup>8</sup> REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). *op. cit.*, p: 262.

<sup>9</sup> CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia – o jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

na vida social e assim, se há uma mudança de opiniões e posicionamentos nesse veículo de divulgação, a mesma ocorre em favor de interesses próprios. “A imprensa tinha no que dizia respeito à opinião pública, dupla tarefa: controlar os abusos do governo e impedir a rebelião dos ignorantes”<sup>10</sup>. Assim como já indicado, a imprensa não é um instrumento imparcial, pois, independente do posicionamento político ou social assumido pela mesma há sempre interesses maiores que a subsidiam, seja de caráter público ou privado.

*Em termos agregados, a propaganda governamental torna o setor público o maior anunciante na indústria cultural brasileira. O tripé formado pelos grandes anunciantes, pelos maiores conglomerados da informação e do entretenimento e pelos intermediários políticos alinhados no setor público garante a aliança de interesses, a um tempo econômicos e políticos, que está na raiz das políticas culturais no setor de comunicações.<sup>11</sup>*

Ainda segundo Beatriz Kushinir<sup>12</sup>, a adoção de jornais como fonte de pesquisa deve ser realizada tendo em vista que os mesmos são fruto de empresas privadas que prestam serviço de comunicação e a autora adverte ao fato de que tais empresas comercializam o serviço, negociando assim com a veracidade dos fatos.

No entanto, é válido destacar aqui o uso do jornal como fonte de pesquisa para o historiador, uma vez que, observando os pontos de atenção para com a fonte, a utilização do mesmo ressalta o olhar múltiplo na elaboração do fazer histórico, ao considerar que a utilização de fontes periódicas abre espaço para uma visão multifacetada da realidade.

Na relação jornalismo e história não só o fazer histórico, mas também, a produção jornalística experimenta dos frutos dessa inter relação, o que evidencia um encontro,

---

<sup>10</sup> CAPELATO, Maria Helena. **O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945)**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 12, set.91/ago.92. p. 45.

<sup>11</sup> MICELI, Sérgio. O papel político dos meios de comunicação de massa. In: SCHWARTZ, Jorge e SOSNOWSKI, Saul (orgs.). **Brasil: o trânsito da memória**. São Paulo: Edusp, 1994, p. 45.

<sup>12</sup> KUSHINIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 55.

“provocador, mas frutífero, entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas em busca de legitimidade histórica”<sup>13</sup>.

O jornalista encontra nos métodos de investigação histórica uma forma de propiciar ao seu trabalho traços de legitimidade, mesmo em meio a um contexto marcadamente efêmero, que trata o hoje e os acontecimentos do imediato como fatos a serem relatados.

*Sua missão consiste em forçar a atenção do leitor ou do ouvinte para cada “papel”, em mergulhar sem enfado na torrente ininterrupta de acontecimentos confusos que faz a atualidade, em vencer a angústia da pequena morte diária – a página de jornal é destinada ao lixo, a palavra e a imagem voam sem deixar traço tangível e são pouco arquivadas – redobrando de profissionalismo, só com o risco de acreditar que ele trabalha para o futuro ou de sonhar em editar um dia em volume seus trechos escolhidos.*<sup>14</sup>

Desta forma, as críticas acerca da produção jornalística indicam o enfoque no leviano, no acontecimento traduzido em notícia sem a preocupação com a contextualização e criticidade dos fatos, o que prioriza a necessidade e a busca pelo inédito em detrimento da reflexão e da construção do saber. “Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais”<sup>15</sup>.

É importante destacar que para além do foco no imediato que caracterizam o texto do jornalista, há uma série de elementos que somam para a composição da interpretação de uma reportagem. Os trabalhos são sujeitos a edição e disposição em meio a outras reportagens conforme interesses maiores.

*Desse modo, podem influenciar o “ângulo” ou o “ponto de vista” de uma reportagem – a maneira como é tratada e a impressão geral criada por ela –, e embora não seu conteúdo, que de modo geral ultrapassa o controle deles. Tentam influenciar o repórter na fase anterior à consolidação da “matéria”*

<sup>13</sup> RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 119.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p. 120.

<sup>15</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: Jornalismo como produção social de segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986, p. 13.



*em seu espírito, quando ele ainda está buscando uma idéia central ordenadora.*<sup>16</sup>

Nesse cenário, o diálogo com a história permite ao jornalista se imbuir de uma reflexão mais densa e elaborada, ao vislumbrar não apenas um fato isolado mais uma trama de acontecimentos, que o permite atribuir legitimidade a sua produção bem como vislumbrar uma suavização na efemeridade marcadamente presente no jornalismo.

O historiador que traz o jornal como fonte de pesquisa para o seu trabalho, amplia as possibilidades de fontes documentais, ao dialogar com o passado e sua correlação com o presente, trazendo às suas reflexões elementos da atualidade que permitem ao fazer histórico dinamizar a relação passado x presente sob o olhar crítico do pesquisador.

*Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época.*<sup>17</sup>

O fazer histórico é marcado pelo rigor científico, fato esse que contrapõe o caráter de imediatismo do jornalismo, entretanto, ao aplicar tal rigor à pesquisa de documentos que elucidam a realidade vivida, latente e por vezes pouco explorada, o historiador realiza a ponte entre as temporalidades passado x presente de forma a traduzir uma leitura da atualidade pautada no método histórico.

*Já se foi o tempo em que se acreditava que, quanto mais distante de nós, mais científica poderia ser a História. Vivíamos ainda o mito da História positivista, aquela que “fazia os documentos falarem”, como se História não fosse uma articulação entre o nosso olhar e o acontecido. Não que eu aceite a idéia de esquecer o passado remoto. Fingir que filósofos gregos, profetas hebreus, legisladores romanos ou papas medievais não nos influenciam é ingênuo e tolo. Como ingênuo e tolo é tentar estudar o tempo presente de forma a-histórica, apenas pelo noticiário televisivo ou de rádio,*

<sup>16</sup> DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 82.

<sup>17</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994, p. 13.

*com suas fórmulas batidas e levianas – “estamos observando um momento histórico, senhoras e senhores”.*<sup>18</sup>

Desta forma, a escrita da história é uma prática sócio interpretativa, na qual o historiador analisa o seu objeto e seus enredos de idéias e temporalidades, articulando uma literatura, um texto, um discurso e assim um conhecimento sobre a realidade.

*Desse modo, pensar historicamente a imprensa é demonstrar que, para além de recuperar personagens, datas e determinadas atitudes políticas, o historiador que se propõe a estudar os jornais deve buscar entender o diálogo que esses meios de comunicação estabelecem com o seu momento histórico, demonstrando, assim, a sua relevância histórica, pois nenhum documento está dissociado do contexto no qual está inserido.*<sup>19</sup>

Vale destacar que, as fontes jornalísticas são de grande valia no fazer histórico, considerando que as mesmas possibilitam um olhar múltiplo que busca no caráter imediato do jornal a correspondência do objeto de pesquisa, fazendo assim um diálogo não só de fontes, mas, refletindo em sua pesquisa a inter relação do passado com o presente e seus desdobramentos, entretanto, sempre exigindo o olhar cuidadoso do historiador para que o mesmo não se deixe levar por uma visão unilateral de seu objeto de pesquisa.

*Considero que todo trabalho que usa a imprensa como fonte de pesquisa deve estudá-la com apuro porque ela age no campo político-ideológico. Como todo jornal escolhe os acontecimentos e hierarquiza as informações que vai pôr em suas páginas, segundo seu filtro, as notícias e opiniões que imprime denotam sua atitude.*<sup>20</sup>

Assim, a imprensa deve ser vislumbrada como uma força social em permanente disputa com outros agentes e forças sociais que atuam no mesmo contexto, ao selecionar e evidenciar partes de uma realidade que serão forjadas para o debate público, privilegiando determinados

<sup>18</sup> PINSKY, Jaime. Apresentação. In: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **História do tempo presente**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 8. (Col. Textos e Documentos, vol. 7).

<sup>19</sup> ALMEIDA, Cristiane Rodrigues Soares. *op.cit.*, p. 19.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 17.

fatos, acontecimentos e vivências em detrimentos de outros, em prol da concordância com interesses específicos.

É nesse sentido que, o primeiro capítulo busca evidenciar a trajetória do jornal *Correio de Uberlândia*, bem como as influências e posições assumidas pelo periódico, sendo assim uma forma de ressaltar os interesses que levaram ao posicionamento assumido pelo jornal no contexto pré-golpe e que marcaram as divulgações nesse período. É importante destacar que, o jornalista Lycidio Paes ganha destaque ao tratar da trajetória do jornal, visto que, a maioria das críticas relacionadas a este período possui autoria do mesmo. Ainda nesse capítulo, o prognóstico de acontecimentos da década de 60 em âmbito nacional sob o olhar do jornal *Correio de Uberlândia*.

O segundo capítulo tece discussões sobre o contexto pré-golpe nos âmbitos nacional, regional e local, vislumbrando ressaltar os impactos da situação do país em contextos diferenciados, com ênfase para as manifestações em Uberlândia destacadas pelo jornal *Correio de Uberlândia* quando da efetivação do golpe militar. O capítulo indica ainda o discurso apresentado pelo periódico nos momentos que sucedem a tomada do poder pelos militares.



## CAPÍTULO I

### Páginas do *Correio*: cenário pré-golpe sob a ótica do jornal

#### 1.1) *Correio de Uberlândia*: trajetória do periódico

O jornal *Correio de Uberlândia* foi publicado inicialmente em 1938, pelo produtor rural Osório José Junqueira vindo da cidade de Ribeirão Preto onde já possuía outros veículos de comunicação como o jornal *Correio do Oeste*. As atividades em São Paulo permitiam que Osório José Junqueira estivesse em Uberlândia poucos dias na semana, situação esta que levou o mesmo a passar os cuidados com o jornal *Correio de Uberlândia* para seu filho Luiz Nelson Junqueira. Na época da fundação a periodicidade do jornal era irregular.

*No final da década de 1930, quando o jornal Correio foi fundado, o periódico contribuiu consideravelmente para a consolidação do imaginário político e social de Uberlândia como uma cidade progressista. Servindo aos interesses do grupo social dominante, o jornal uberlandense iniciou suas publicações num momento em que a industrialização era a principal alavanca para o desenvolvimento.<sup>21</sup>*

A cidade de Uberlândia apresentava um histórico de periódicos, no qual fora inserido na década de 40 o *Correio de Uberlândia*. O primeiro periódico do então município de São Pedro do Uberabinha foi *A Reforma*, publicado em 1897, com caráter de semanário e sob a responsabilidade do então professor João Luiz da Silva. A circulação deste jornal deu-se em um tempo restrito devido ao caráter político a ele atribuído. Em seguida, houve as publicações de *A Gazeta de Uberabinha*, *Cidade de Uberabinha*, *A Semana*, jornais esses sob gestão da Câmara Municipal que, em 1898 comprou a tipografia e seu despojo para a impressão de seus

<sup>21</sup> ARAUJO, Fausto Rocha. **O Golpe Civil-Militar de 1964 e suas repercussões em Uberlândia: análise das publicações do jornal Correio de Uberlândia**. 2007. 111 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia). Curso de Bacharelado em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, p. 55.

expedientes. “Como se vê, é inequívoca a relação direta entre a tipografia e o poder público na cidade”<sup>22</sup>. Assim, pode-se destacar já nos primórdios da imprensa escrita na cidade de Uberlândia, a busca pelo controle dos meios de comunicação pelos governantes, com vistas a preservar os interesses das classes dominantes no que se refere à opinião pública emitida através dos jornais. Em 1907 foi fundado *O Progresso* por Bernardo Cupertino, com publicação periódica semanal, representando a segunda tipografia em Uberlândia. Com cunho político, o jornal impugnavas as pretensões do militarismo na campanha civilista de 1910, entretanto suas atividades foram encerradas em 1918 com o falecimento de seu fundador. Dentre outros jornais anteriores a publicação do *Correio de Uberlândia*, cabe destacar *A Tribuna*, que teve início em 1919, criado pela empresa Rodrigues, Andrade e Cia, com publicações semanais e esteve vigente por 25 anos.

O *Correio de Uberlândia* encontra assim um contexto já marcado por publicações de periódicos, entretanto, traz um elemento diferente. A publicação do jornal caracterizava-se pela veiculação diária e não semanal como os impressos contemporâneos.

*Ao reafirmar o ideário de progresso da cidade a partir da defesa ideológica da industrialização, o Correio de Uberlândia se destacou entre os demais jornais da cidade por possuir a maior tiragem e circulação, fazendo de suas publicações a voz fiel da “Metrópole do Triângulo”.*<sup>23</sup>

Na década de 40, Osório José Junqueira vende o jornal *Correio de Uberlândia* para um grupo de cotistas ligados a UDN – União Democrática Nacional – entre eles: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Em 1952 assume a direção do periódico Valdir Melgaço Barbosa, vereador e depois deputado estadual pela UDN e mais tarde ARENA – Aliança Renovadora Nacional.

---

<sup>22</sup> SANTOS, Regma Maria dos. **Práticas Culturais: as tipografias, os jornais e as livrarias de Uberlândia (1897–1950)**. História & Perspectivas, Uberlândia (40): 207-226, jan.jun.2009, p. 212.

<sup>23</sup> ARAUJO, Fausto Rocha. *op. cit.*, p. 55.



Assim como o *Correio de Uberlândia*, *A Tribuna de Minas* era um jornal local também ligado a UDN e à ARENA, usado como veículo de informação do partido que destacava seus feitos e denunciava outros partidos e até mesmo membros de antigos partidos filiados à ARENA. Ainda na década de 60, pode-se destacar outros jornais locais que sofriam influência direta do PSD (Partido Social Democrata). Dentre os jornais com influência desse partido nota-se *O Triângulo*, de propriedade de Renato de Freitas e Rafael Marino Neto. O primeiro era o então proprietário da Gráfica do Triângulo LTDA, e nomeado como prefeito de Uberlândia pelo PSD por dois mandatos: 1967 a 1970 e 1973-1976. Já Rafael Marino Neto foi vereador de 1956-1960. O jornal *O Triângulo* foi fechado em 2000 como resultado de ações trabalhistas movidas contra o jornal. Sob a influência do PSD é possível identificar também *O Repórter*, jornal de Arthur de Barros e João de Oliveira, que foi fundado em 1966 com a morte de um dos seus fundadores.

*Percebe-se que, em Uberlândia, grande parte da rede de comunicação da década de 1960 pertencia a uma classe dirigente que se beneficiava das atividades agrícolas e pecuárias e da especulação imobiliária, como também participava da esfera política articulando a produção cultural difundida pela imprensa com suas políticas públicas a fim de conquistar apoio para projetos de cidade que os beneficiariam de alguma forma.<sup>24</sup>*

É válido destacar que, os jornais de grande circulação em Uberlândia convergiam para uma mesma estratégia política e estavam diretamente ligados a classe dirigente da cidade, a qual utilizava o meio como motivação prioritária para as ações políticas como obter apoio aos projetos e incitar opiniões condizentes com a estratégia de gestão.

*A partir de investigações sobre a teia de relações existentes entre jornais e grupos político-partidários de Uberlândia verifica-se que os controladores dos instrumentos políticos atuaram ativamente na construção do imaginário autoritário e conservador, ligados aos segmentos que deram sustentação*

<sup>24</sup> FERNANDES, Orlanda Rodrigues. **Uberlândia Impressa: a década de 1960 nas páginas de jornal**. 2008. 161.f. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. MG, 2008. p. 29.

*ideológica ao golpe militar de 1964, por representações veiculadas por intermédio dos jornais pertencentes a poderosos grupos econômicos locais.*<sup>25</sup>

Assim, mesmo que em um contexto uberlandense não homogêneo no que se refere a posicionamento político e cultural, as influências das classes dirigentes sobrepujavam o meio de comunicação impresso da cidade, impregnando os leitores com seus propósitos nada imparciais.

---

<sup>25</sup> ARAUJO, Fausto Rocha. *op. cit.*, p. 54.

## 1.2) Um olhar sob a década de 60

Durante as décadas de 50 e 60 o jornal *Correio de Uberlândia* teve uma forte ligação política com a UDN e devido a isto sofreu represálias do PTB quando do suicídio de Getúlio Vargas em 1954. Neste contexto pode-se evidenciar a atuação do cronista Lycídio Paes que era responsável nesse período, por reportagens marcadamente políticas e posicionamentos acerca do panorama nacional e seu reflexo no contexto uberlandense.

*Nos anos 1940 e 50, quando escreve para o jornal o Correio de Uberlândia, em que assume a defesa dos postulados udenistas, Lycídio Paes comenta não ter, sobre a legenda da UDN, compromisso algum, apesar de dar sua preferência por ser oposição à mentalidade política da ditadura getulista.<sup>26</sup>*

Lycídio Paes tornou-se jornalista em 1903, quando publicou os jornais de adolescente *O Lírio e o Corisco* na cidade de Rio Pomba. Entretanto, já exercia a prática da escrita no jornal *A Lei*, preparado em papel almaço e lápis e não fazia questão alguma de divulgá-lo, conforme apresentado em entrevista concedida a Marçal Costa no ano de 1972. “Foi tipógrafo, revisor, jornalista-responsável, diretor, proprietário, em diversos jornais da Zona da Mata ao Triângulo Mineiro, passando por Goiás”<sup>27</sup>. Lycídio Paes era autodidata e sua educação formal era restrita as quatro primeiras séries escolares. Sua formação cultural foi baseada na convivência com homens eruditos e leituras de livros de diversas áreas, especialmente literatura, história e política.

Lycídio Paes iniciou o ofício de jornalista através da execução gráfica, trabalhando sem salário tendo em vista apenas o referencial de ilustre tipógrafo. Assim, teve a opção de conhecer todo o processo de produção de um jornal, na elaboração de textos e impressão,

---

<sup>26</sup> SANTOS, Regma Maria dos. **Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycídio Paes**. Uberlândia: Aspectus, 2005, p:143.

<sup>27</sup> *Idem*, *Ibidem*. p. 29.

criando uma diferenciação no relacionamento com os profissionais que ali se encontravam. O saber do processo marcou também o jornalista quando, na década de 40 Lycidio assume a direção do jornal *Correio de Uberlândia*, onde manteve contato, em especial com o pessoal da oficina, uma vez que, foi iniciada a primeira máquina automática de composição *Lynotype*. Nesse sentido, o jornal incorporava as configurações do tempo, espaço e velocidade através de seu formato, uma vez, que as matérias passaram a ser mais numerosas e a leitura tornou-se mais rápida. Assim, crescia a fragmentação do jornal e, em consequência o número de seções sofreu um acréscimo.

Na década de 60, as matérias escritas por Lycidio Paes ocupavam três páginas do jornal, que permanecia sem divisão em relação a cadernos com média de oito a doze páginas, variando num espaço de quatro a cinco colunas em uma página inteira ou mesmo na metade dela com comprimento de cinquenta a cem linhas. Até 1966, Paes dividia a mesma página com a coluna “Assim Pensamos” e no final da página estava disposto um “Painel Político” com destaque para notícias rápidas com foco em fatos políticos a nível nacional, limitadas a três linhas por notícia.

As notícias sobre as questões econômicas, sociais, culturais e políticas com referência ao governo militar e políticas públicas no contexto local e nacional, em sua maioria ocupavam um dos maiores espaços no jornal, sendo que por vezes, apenas algumas propagandas representavam um espaço maior do que essas matérias.

*Nesse período, não havia nenhuma lei que impedisse os proprietários de emissoras de rádio ou de jornais de fazerem uso de meios de comunicação para se auto promoverem e nem um horário eleitoral gratuito no qual os candidatos pudessem apresentar suas propostas políticas. As propagandas políticas, portanto, eram comercializadas como uma mercadoria qualquer o que dava aos políticos, detentores de jornais e de rádios, uma vantagem significativa sobre os demais candidatos.<sup>28</sup>*

---

<sup>28</sup> ARAUJO, Fausto Rocha. *op. cit.*, p. 56.



Tais matérias estavam localizadas na página três e se necessário, apresentavam continuação nas páginas quatro e cinco, e ocupavam o maior espaço no jornal. É válido destacar que esse destaque não é desprezioso ou fortuito, uma vez que, está em consonância com os anseios da classe dominante. Assim há um “virtual monopólio dos gêneros e veículos capazes de assegurar as margens mais elevadas de rentabilidade”<sup>29</sup>. Nesse sentido, as páginas do jornal eram endereçadas e manobráveis em conformidade com o interesse político em questão.

*Essas matérias destacavam com veemência projetos dessa classe dirigente realizados na cidade e traziam um forte comentário por parte dos jornalistas, característica já não tão presente em jornais das capitais dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em Uberlândia, apesar de já possuir o grande perfil de empresa, o Correio de Uberlândia, mantinha esse cunho comentarista dos fatos políticos.<sup>30</sup>*

Nesse cenário, Lycidio Paes tece considerações acerca do posicionamento dos jornais das grandes metrópoles indicando a atitude mercadológica do sensacionalismo em uma realidade onde a imprensa é mais rica e aparelhada, permitindo assim maior eficiência.

*A capacidade dos jornais das metrópoles é pasmosa, apresentando um número ilimitado de páginas e correspondentes em todas as partes do mundo, 'publicam notícias e fotografias completas dos acontecimentos de sensação registrados nos pontos mais longínquos da terra poucas horas depois do seu evento.'<sup>31</sup>*

Ainda na perspectiva de análise do jornal bem como do ofício do jornalista, Lycidio Paes emite opiniões acerca da atuação do escritor na imprensa especialmente no que se refere ao uso de pseudônimos. O jornalista indica a importância em assumir os textos, as idéias e os erros impressos, desta forma, posiciona-se de forma desfavorável em relação a esta prática. “Assumir os erros, as idiossincrasias e as posições são atitudes fundamentais para o cronista

<sup>29</sup> MICELI, Sérgio. *op. cit.*, p. 45.

<sup>30</sup> FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *op. cit.*, p. 33.

<sup>31</sup> SANTOS, Regma Maria dos. *op. cit.*, p. 40.

que não se ressentem em revelar seus limites e seus desconhecimentos.”<sup>32</sup>. Para além de assumir o texto, Lycidio Paes compromete-se de forma consistente com a escrita de suas crônicas, que são por ele definidas algo além do que uma narração. Jornalista aponta que a crônica deve transcender o aspecto narrativo para dar espaço aos comentários e ao aprofundamento no temas e acontecimentos, o que permite assim extrair as facetas de originalidade, possibilitando formular hipóteses e conjecturar os escritos com opiniões próprias.

Desta forma, Lycidio Paes ressalta em suas crônicas a expressão de idéias, tornando-as portadoras de opiniões, dentre outras, aquelas de cunho político. “Lycidio Paes destaca o prestígio da imprensa como orientadora da opinião pública.”<sup>33</sup>. O jornalista se refere à imprensa como influenciadora conforme dois aspectos: doutrinário e informativo. Em relação ao caráter doutrinário, Lycidio lamenta o movimento da imprensa em se tornar agradável em contrapartida, relegando a utilidade a segundo plano. O jornalista apresentava críticas contundentes e na maioria de suas crônicas há a defesa explícita da democracia, preocupando-se com os rumos políticos do país perante certas ideologias ou movimentos ideológicos que ameaçam a democracia. “Isto explica por que, seja na década de 30, com a ditadura Vargas, seja nos anos 60 com a ditadura militar, Lycidio Paes confessou-se um cético com relação ao Estado e ao poder.”<sup>34</sup>.

Na década de 70 (1971) Sérgio Martinelli assume o jornal depois que Valdir Melgaço vendeu suas cotas a Agenor Garcia para se candidatar a deputado estadual pela segunda vez. O novo diretor implantou uma nova linha editorial que passou a seguir os interesses do grupo proprietário. Neste período o jornal circulava de terça a sábado com oito páginas passando a 12 páginas.

---

<sup>32</sup> *Idem, ibidem.* p. 53.

<sup>33</sup> *Idem, ibidem,* p. 140.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem,* p. 144.

Em 1986 o grupo Algar por meio da SABE (Serviço de Informações) assumiu o controle acionário do jornal o mantendo até os dias atuais. Desde então o jornal passou por diversas transformações gráficas e editoriais se firmando como o jornal de maior circulação no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba segundo pesquisa realizada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) em 2003.

Até a década de 80 (1986) o jornal era denominado *Correio de Uberlândia*. Em 1991 o periódico assume o nome de *Correio do Triângulo* até que em 1995 passa a ser *Correio*, o então conhecido *Jornal Correio*.

Para além das mudanças nominais, o jornal passou também por inovações gráficas. Em 1950 houve a aquisição de uma impressora rotativa, também tipográfica, comprada do jornal *O Popular de Goiânia*. Na mesma época o sistema de composição manual (os textos eram montados letra por letra) foi substituído por três linotipos (máquinas que faziam a composição automaticamente) que seriam o equipamento básico do *Correio* até 1989, quando o sistema de composição ganharia os recursos tecnológicos da informática e passa a ser impresso em rotativas de off-set. Em 1995 há uma reformulação gráfica e editorial sendo que o periódico passa a oferecer novos conteúdos com cadernos, suplementos, colunas e seções com capas e contra capas passando a ser diário com publicação também as segundas – feiras.

Ao analisar a trajetória do jornal é válido retomar o fato de que o mesmo esteve vinculado a interesses da direita conservadora na década de 60 ao ser dirigido por um político udenista – Valdir Melgaço, e ter como um dos principais redatores Lycídio Paes, então udenista e “[...] considerado o típico intelectual representante de uma classe e de posicionamentos que são amplificados na cidade com pretensão de tornarem-se hegemônicos, por meio de seus artigos, [...]”<sup>35</sup>. Neste sentido, o jornal teve considerações relevantes acerca

---

<sup>35</sup> FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *op. cit.*, p. 33.



da situação política vivenciada nesta década, reforçando o apoio às manobras militares e a oposição ao comunismo.

As crônicas e artigos da década de 60 expressam posições políticas claras em relação ao governo federal. Ao se tratar do então presidente Jânio Quadros o jornal constrói duas visões contrárias as quais variam de acordo com o contexto histórico. Quando da sua eleição, Jânio Quadros tem no jornal o apoio dos editores que reforçam sua candidatura como símbolo da derrocada da herança ditatorial deixada por Getúlio Vargas.

Em relação ao governo João Goulart, as crônicas e artigos presentes no jornal não são nada amigáveis, ao contrário, estimulam nos leitores os aspectos negativos do governo Jango evidenciando os prejuízos e o declínio resultantes da má administração do governante brasileiro. No entanto, quando da candidatura de João Goulart, nos idos de 1961, o periódico esforçou-se em, amenizar as críticas, mantendo-se opositor ao candidato, porém, esclarecendo a incondicional adoção dos preceitos da Constituição:

*Politicamente essa folha, pela sua direção, combateu a candidatura de João Goulart. [...] Queremos e insistimos pela legalidade e pelo respeito à Constituição, mesmo com o sacrifício de nossa missão de jornalista independente e honesto – declarou-nos o Dr. Valdir Melgaço, vereador da UDN.<sup>36</sup>*

É possível evidenciar no discurso do então diretor do jornal *Correio de Uberlândia*, que apesar de sua posição política enquanto udenista ser contrária a posse de João Goulart no governo, há a preocupação de manter o periódico neutro e imparcial e assim, ele conclui sua fala enfatizando o respeito pela Constituição e efetivação de Jango.

Aqui, destacamos uma incoerência assim como já citado no início desse trabalho, visto que, a imprensa busca forjar um discurso de imparcialidade incoerente com a prática, ao considerar que, da seleção das matérias ao texto divulgado, permeiam condições e critérios

---

<sup>36</sup> MELGAÇO, Valdir. Constituição deve ser respeitada: posse ao presidente Jango. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 29 ago. 1961, p. 1.



que compactuam com os interesses dos dirigentes e das classes dominantes da cidade. Na matéria divulgada na capa do periódico em novembro de 1961, evidencia-se a consonância do discurso do diretor do *Correio de Uberlândia* com a fala da Câmara Municipal de Uberlândia:

*A Câmara Municipal de Uberlândia torna público, que desde o dia 25 de agosto, vem enviando às mais altas autoridades do país, ofícios e rádios no sentido de que seja mantida a ordem, respeitada a Constituição e empossado o Sr. João Goulart.*<sup>37</sup>

Todavia, na presunção de sua imparcialidade, o próprio jornal se contradiz, uma vez que, em fevereiro de 1964, às vésperas da efetivação do golpe, o periódico não se limita em tecer uma crítica resoluta ao governo de João Goulart:

*Daí resultou a reeleição do sr. João Goulart, que substituiu legalmente o presidente fujão no fim de sete meses de império da ordem e da moralidade, restabelecendo, para tristeza do povo, os processos que haviam sido condenados no funcionamento das urnas....*<sup>38</sup>

O jornal se contrapõe às propostas das reformas conduzidas por João Goulart afirmando que a inflação que assolava o país era fruto dos rumos inadequados que o governo impunha ao Brasil.

*GOULART não conseguiu fazer a reforma agrária ainda e já sai para outra: reforma urbana. Assim não é possível o presidente está terrível na falta de planejamento. Parece até alucinação reformista.*<sup>39</sup>

O periódico destaca ainda que o governo realiza investimentos supérfluos e se inspirava no ditador Getúlio Vargas. O governo de João Goulart é analisado como subversivo, imoral e irresponsável. “A moral cai por terra, o desemprego cresce e o poder de compra diminui... enquanto a imoralidade voa, a moral vai tartarugando”<sup>40</sup>. O comunismo era promotor na condenação de

<sup>37</sup> Ao povo. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 03 nov. 1961, p. 1.

<sup>38</sup> PAES, Lycido. O problema acelerado. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 6/7 fev. 1964, p. 7.

<sup>39</sup> Painel Político. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 09/10 fev. 1964, p. 3.

<sup>40</sup> PAES, Lycido. O problema acelerado. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 6/7 fev. 1964, p. 7.

Jango por sua imoralidade. O *Correio de Uberlândia* dedicou uma crônica escrita por Lycídio Paes na edição de 20/21 de fevereiro de 1964 a análise de ícones comunistas como Fidel Castro e Luiz Carlos Prestes. A crônica não economiza desacatos e desavenças aos partidários do comunismo. Fidel Castro é avaliado como traidor insano.

*O líder barbudo chefiou galhardamente uma revolução contra o deposto Fulgêncio Batista. Teve o apoio do povo cubano e derrubou o ditador, tomando em seguida o seu lugar. Mas tudo isto foi realizado a sombra dos princípios democráticos, de que seus patrícios não abrem mão só depois que se julgou solidificado no poder é que desvendou o seu credo comunista, confessando que ele inspirava seus atos desde a campanha de Sierra Maestra, mas que ocultava tal circunstância com receio de que os companheiros o abandonassem. Caracterizou-se assim uma declarada traição...*<sup>41</sup>

O comunismo é visto como enganoso e o jornal se dispõem a tecer oposição contundente aqueles que eram contrários aos princípios democráticos inclusive o então presidente João Goulart visto como favorável aos preceitos comunistas.

*Em meio a esse clima de efervescência político-social e de temor, o jornal Correio de Uberlândia, que sempre fora porta voz da elite local e da UDN, publica com mais assiduidade, sobretudo a partir de 1963, os discursos e matérias de políticos conservadores e udenistas criticando e acusando o governo Goulart de comungar com a sublevação comunista (o comunismo fora durante muitos anos, sobretudo na década de 1930, severamente criticado e combatido pela imprensa uberlandense enquanto um mal que deveria ser temido e destruído).*<sup>42</sup>

O comunismo é visto como contrário ao desenvolvimento ordenado e progressivo do capitalismo e contraposto por Lycídio Paes em Elemento perigoso:

*E no meio das reformas de base estão incluídos as desapropriações de terras, à volta do Partido Comunista à legalidade e uns atentados a Constituição através de cuja cortina é impossível qualquer espírito*

<sup>41</sup> PAES, Lycídio. Elemento perigoso. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 20/21 fev. 1964, p. 6.

<sup>42</sup> ARAUJO, Fausto Rocha. *op. cit.*, p. 69.

*medianamente perspicaz não lobrigar a intenção de atingir o capítulo da inegabilidade.*<sup>43</sup>

Segundo Orlanda, o comunismo e a oposição a ele é evidenciada desde a década de 20 nos jornais de Uberlândia, porém, só teve representatividade com a fundação do PC (Partido Comunista) que ocorreu em 1945 e teve participação significativa nas eleições de 1947 com a eleição de quatro vereadores, que disseminavam a legenda do Partido Popular Progressista. Mesmo com o fechamento da cédula do PCB na cidade em 1947 em virtude do decreto da ilegalidade, a atuação de seus participantes permaneceu das mais diversas formas: folhetos, pichações, boletins, dentre outros. Para além das movimentações locais, havia o cenário mundial que indicava a Revolução Russa e Lênin. A repressão aos comunistas na cidade de Uberlândia foi fortalecida com o aumento do número de policiais na cidade em 1948, o que gerou conflitos entre os militantes e a polícia.

É válido destacar que ao avaliar a imprensa responsável pela grande circulação na década de 60 em Uberlândia, não há o reconhecimento ou mesmo a preocupação com os comunistas da cidade. As reportagens apresentam sempre um modelo de trabalhador ordeiro e passivo, buscando consolidá-lo como referencial para o desenvolvimento da cidade. As referências ao comunismo são notadas no cenário nacional ou mesmo mundial, onde o *Correio de Uberlândia* tece sérias críticas e constrói uma oposição forte frente ao mesmo. O esforço oposicionista do jornal veiculou de forma insistente, várias atitudes contestáveis e condenáveis do governo João Goulart despertando o seu público para a vinculação da situação de crise do país ao presidente da República.

*Nesse contexto, o jornal se apresentava como defensor da nação, da democracia e do povo de Uberlândia contra o perigo comunista, revestindo suas publicações com forte teor de patriotismo e de sentimentos nacionalistas.*<sup>44</sup>

<sup>43</sup> PAES, Lycidio. Elemento perigoso. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 20/21 fev 1964, p. 6.

<sup>44</sup> ARAUJO, Fausto Rocha. *op. cit.*, p. 48.



Desta forma, o *Correio de Uberlândia* constitui-se de forma cada vez mais latente em um meio de divulgação dos interesses contrários ao governo instituído. À medida que os movimentos de oposição se estabeleciam contra João Goulart, o periódico tomava ainda mais fôlego para tecer severas críticas ao governo, com discursos nacionalistas cada vez mais inflamados e intensos. Pode-se destacar nesse aspecto o posicionamento de Lycídio Paes em Defesa da democracia, disponível no *Correio de Uberlândia* datado de 24 de março de 1964, quando trata da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” realizada em São Paulo no dia 19 de março desse mesmo ano, a qual objetivou incitar o país a oposição do governo de João Goulart trazendo como lema a defesa da democracia.

*Se eu não fosse mineiro, iria pedir naturalização em São Paulo. O espetáculo que o povo paulista ofereceu ao Brasil no dia 19 defendendo a democracia é de empolgar. Aliás, não é de surpreender, uma vez que em 1932 a revolução constitucionalista foi uma verdadeira epopéia, tendo por origem, precisamente o combate à ditadura. O grande Estado levantou-se então como se fora uma só entidade humana movida por um choque elétrico. Para a defesa das instituições conspurcadas pelo usurpador do poder uniram-se todos os bandeirantes, desaparecendo as diferenças de classe, de fortuna, de cor ou quaisquer outras em que se divide a sociedade. Moços e velhos, homens e mulheres e crianças, ricos e pobres, sábios e ignorantes, professores e alunos, patrões e empregados, todos se devotaram à causa sagrada sem poupar esforço e sacrifício. [...]*

*[...] Pois bem: a parada do dia 19, pelo seu motivo, pela sua imponência, pelo seu objetivo patriótico, pela decisão com que foi realizada, não é senão a reprodução do levante constitucionalista de três decênios passados. É a fidelidade aos postulados democráticos, é a luta franca e leal contra aqueles que ameaçaram as nossas liberdades, é o grito de alerta contra a infiltração totalitária que fizeram vibrar na quinta-feira última a alma do povo da vizinha província, tão castigada pela ditadura que nos cobriu do opróbrio durante quinze anos e que agora tenta ressurgir sob os auspícios de um discípulo do caudilho de ontem.<sup>45</sup>*

A avaliação da marcha realizada em São Paulo por Lycídio Paes exalta de forma contundente o movimento que o faz abrir o texto com a intenção de se naturalizar paulista, imbuído de tal comoção pelo ato.

<sup>45</sup> PAES, Lycídio. Defesa da democracia. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 24 mar. 1964, p. 3.

*Vista nessa ótica, a marcha teria sido uma resposta da sociedade às atitudes inopinadas do governo federal e da cúpula política que o rodeava, proporcionando a ela uma visão do que o povo pensava sobre suas atitudes. Afinal, “o povo não é apenas aquela multidão que os pelegos comandam”, alvos de manipulação dos subversivos; o povo era quem foi contra as ofensivas de Goulart.<sup>46</sup>*

Nota-se que, pouco antes do levante que culminou na tomada do poder pelos militares, o *Correio de Uberlândia* passou a assumir uma postura totalmente favorável a descontinuidade do governo João Goulart, enaltecendo os acontecimentos que convergiam para esse mesmo fim, assim como a marcha realizada em São Paulo. É possível destacar algum traço de imparcialidade nas defesas tão acaloradas divulgadas pelo jornal? De certa forma, a população uberlandense que teve acesso ao periódico, independente de seus valores e opiniões acerca de João Goulart, teve como colecionar uma série de argumentos que sobrepujavam para a desmoralização do então representante do país, fato esse que em nenhum aspecto pode apresentar algum traço de imparcialidade.

---

<sup>46</sup> ALMEIDA, Cristiane Rodrigues Soares. *op. cit.*, p. 137.

## Capítulo II

### Ditadura militar: da metrópole ao centro urbano

#### 2.1) Cenário nacional

A ditadura militar no contexto brasileiro assume representatividade relevante e, de certo modo, desconfortável ao se remeter a um momento histórico em que muitos foram os silêncios forjados e muitas as iniciativas reprimidas, porquanto, esse fato vem sendo comumente analisado e discutido nos mais diversos ambientes, em especial, no âmbito acadêmico onde o fascínio pela busca do não dito e pela desmistificação dos conceitos que se forjam cristalizados se mostra latente.

Ao se analisar esse fato histórico deve se atentar para todas as suas especificidades, bem como, identificá-lo como fruto de um processo que, ao longo do tempo e em um contexto permeado por influências nacionais e internacionais, culminou no golpe de 1964. A ditadura militar no Brasil veio ao encontro de interesses de determinados grupos que, com vistas a preservar a segurança nacional frente às ameaças comunistas, implanta no país a partir de 1964 um quadro político, econômico e social relevante no que se refere à trajetória da sociedade brasileira.

É válido destacar que o golpe militar de 1964 não contou com esforços exclusivos da classe militar que, historicamente responsável pela tomada do poder, não teve papel solo nesta conjuntura de acontecimentos. Desde princípios da década de 60 os desejos de consolidar o domínio militar no país são evidenciados, em especial no contexto de renúncia do então presidente da República Jânio Quadros. Com menos de sete meses no poder, Jânio Quadros resignava de seu cargo no dia 25 de agosto de 1961 sem esclarecimentos devidamente



definidos que justificassem tal ato. O vice-presidente da república João Goulart encontrava-se ausente do país e recebeu a notícia da renúncia do Presidente em Cingapura onde estava em visita, fato esse que veio a torná-lo o primeiro representante latino americano a manter contato direto com países comunistas.

Devidamente respaldado (o vice-presidente estava ausente do país), o Congresso Nacional entregava o país nas mãos de Ranieri Mazzilli (presidente da Câmara dos Deputados) até a volta de João Goulart ao Brasil, entretanto, a posse de Jango não seria realizada sem oposição. De trajetória política marcada por características populistas, apoio à classe trabalhadora e contatos com países comunistas, a presidência do Brasil sob a responsabilidade de João Goulart era rejeitada não só por militares, mas, também pelas classes médias e burguesas.

*Estão as Forças Armadas profundamente convictas de que, a ser assim, teremos desencadeado no País um período inquietador de agitações, de tumultos e mesmo choques sangrentos nas cidades e nos campos, enfim através da qual acabarão ruindo as próprias instituições democráticas, e com elas, a justiça, a liberdade, a paz social, todos os mais altos padrões de nossa cultura cristã. Na Presidência da República, regime que atribui ampla autoridade e poder pessoal ao Chefe do Governo, o Sr. João Goulart constituir-se-á, sem dúvida alguma, no mais evidente incentivo a todos aqueles que desejam ver o País mergulhado no caos, na anarquia, na luta civil. As próprias Forças Armadas, infiltradas e domesticadas, transformar-se-iam, como tem acontecido noutros países, em simples milícias comunistas.<sup>47</sup>*

Através destas palavras, os militares se dirigiram a população brasileira por meio de um manifesto com vistas a incentivar a não posse de Jango, o que se caracterizava como uma ação não lícita, uma vez que, a Constituição assegurava em seus termos a posse de João Goulart perante o cenário de renúncia. Portanto, o manifesto militar não foi o suficiente. João Goulart contava com o apoio dos trabalhadores e do então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Manifestações de apoio ao presidente foram realizadas e buscavam assegurar

---

<sup>47</sup> O VETO dos militares a Jango. **Partido Democrático Trabalhista**. Rio de Janeiro. 2002. Disponível em <[http://www.pdt.org.br/personalidades/jango\\_historia\\_4.htm](http://www.pdt.org.br/personalidades/jango_historia_4.htm)>. Acesso em: 22 mar. 2008.

o direito de posse de Jango. Greves foram declaradas, passeatas realizadas e comícios incitados.

*A reação aos propósitos golpistas dos ministros militares veio do extremo sul do país, por meio do então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Este conseguiu o apoio militar do general Machado Lopes, comandante do III Exército, que se pôs ao lado da legalidade. Através de emissoras de rádio, o governador gaúcho emitia notícias sobre a campanha pela posse de Goulart, formando a chamada "Rede da Legalidade" <sup>48</sup>*

A luta pela legalidade ganhava os espaços da rua e a discussão popular. Frente a tal situação, o Congresso Nacional lançou á votação à emenda constitucional que instituía o regime parlamentarista no país. A decisão passava para o espaço da Câmara Federal.

A emenda constitucional foi aprovada e Jango assume o poder sob regime parlamentarista em 07 de setembro de 1961. Já no decorrer de seu mandato, Jango encontra um Brasil com graves crises de abastecimento o que gerou mobilizações sociais no campo e na cidade. No contexto internacional houve o agravamento do endividamento externo.

Em 23 de janeiro de 1963 o regime parlamentarista foi revogado e João Goulart adotou o Plano Trienal sendo este uma política nacionalista com o intuito de conter o surto inflacionário, com a melhor distribuição dos resultados do desenvolvimento para a população. Marcante no governo de Jango, o Plano Trienal foi acompanhado também pelas Reformas de Base dentre as quais, Jango propunha a efetivação da Reforma Agrária no país.

Suas propostas foram aplaudidas pelos setores de esquerda e temidas pelos setores de direita. As posições opostas frente a tais propostas acarretaram intensa movimentação social, em especial no campo onde as manifestações das Ligas Camponesas estavam em efervescência, aterrorizando de forma evidente as classes dirigentes e setores militares.

---

<sup>48</sup> MELO, Demian. **Os militares e o plebiscito de 1963: usos do passado** — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006, p. 2.



Em 13 de março de 1964, Jango convocou um comício para tratar das Reformas de Base e evidenciar o apoio popular às propostas buscando assim acelerar a aprovação das mesmas junto ao Congresso Nacional. O comício fora organizado ao lado do Comando Geral Militar e reuniu cerca de 200 mil pessoas.

Marcado por grande agitação popular, o evento foi o estopim para a concretização do golpe militar a muito almejado. Como resposta a atitude de Jango, setores das classes médias e burguesas empunharam as bandeiras do anticomunismo, da fé religiosa e da moral e manifestaram sua oposição em relação aos atos do governo federal. Tais manifestações de cunho golpista foram elaboradas em diversos estados brasileiros sendo que dentre eles, a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” realizada em São Paulo no dia 19 de março de 1964 destaca-se das demais na historiografia disponível acerca destes acontecimentos.

A manifestação anticomunista e contrária a Jango reuniu cerca de 500 mil pessoas contando com o apoio de movimentos feministas, do governo de São Paulo, da Igreja Católica, dentre outros.

*Estas manifestações civis – onde praticamente era inexistente a presença popular e operária – nunca foram “espontâneas”, além de se inspirarem em campanhas anticomunistas realizadas em outros países, sempre foram estimuladas e incentivadas pelos conspiradores na área militar<sup>49</sup>.*

A manifestação ocorrida em São Paulo buscava demonstrar que a população se opunha as decisões do governo federal e, desta forma, preocupava-se com os valores democráticos, que até então construídos, poderiam ser cerceados com as atitudes comunistas de Jango. É importante lembrar que assim como João Goulart incitou o apoio popular em seu comício na Guanabara a fim de legitimar as Reformas de Base junto ao Congresso, a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” desejava evidenciar que havia uma parcela da população que

---

<sup>49</sup> TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1997, p. 100.

estava descontente e pedia medidas drásticas quanto à situação de degradação em que o país se encontrava.

*A acusação/constatação da crise moral, portanto, pode servir a diversos fins. Serviu, por exemplo, para justificar o Golpe de 64, veio para restaurar o primado dos “valores éticos e morais do Ocidente cristão”. Emblemática, nesse sentido foi a famosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade, na qual se podiam ver a revolta e a indignação difusas da classe média, setor social especialmente presente no ato.<sup>50</sup>*

Nesse sentido, Carlos Fico chama a atenção para o caráter do movimento, indicando que o mesmo buscava impregnar na sociedade o emblemático discurso do desvio moral ao qual a classe média brasileira atribuía fervorosamente como resultado do governo vigente. Manifestações de apoio às intenções golpistas não se restringem apenas ao pré-golpe. Em diversos estados brasileiros são evidenciados movimentos de cunho democrático e anticomunista que, empenhados a defender os interesses das classes médias e burguesas buscam dar aporte às ações militares bem como sua intervenção, empunhando o lema da “Revolução de 64”. De caráter relevante, tais manifestações ocorridas no interior ganharam pouco ou nenhum espaço na historiografia até então desenvolvida. Como palco dos acontecimentos, o eixo Rio de Janeiro x São Paulo vem sendo privilegiado no contexto de análise das manifestações anticomunistas e seu significado na conjuntura política brasileira de 1964.

Com vistas a esta problemática, vale destacar que todo o país estava submerso na tensão do pré-64 vivenciando a delicada situação do Brasil. Desta forma, o golpe já instaurado em princípios de abril de 1964 com validade e abrangência nacional, teve seus impactos notados em diferentes estados, sendo assim, os movimentos de apoio a tal ato não se restringiram apenas a São Paulo.

---

<sup>50</sup> FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 43.

Ao tomar como referência o Estado de Minas Gerais, em especial a cidade de Uberlândia, é possível identificar movimentos anticomunistas de legitimação da ação militar. O golpe de 64 já havia sido efetivado e os militares estavam no poder quando em 03 de abril de 1964 aconteceu a “Marcha com Deus pela Liberdade” em Uberlândia. O objetivo da manifestação era comemorar a “vitória da democracia” e contava com a participação dos representantes da cidade, com destaque para o então prefeito Raul Pereira de Rezende.

Geograficamente distante dos centros Rio de Janeiro e São Paulo onde de forma efetiva se desenrolou as tramas do golpe, a cidade mineira demonstrou sua posição em relação à conjuntura nacional. Qual seria o significado desta manifestação uberlandense em nome da “legitimação” do golpe militar?



## 2.2) Um ponto de vista mineiro

Ao considerar que a ditadura militar refletiu em caráter nacional as tensões e inquietações de um contexto conturbado e decisivo na história do país, promovendo assim repercussões e posicionamentos diversos, faz-se primordial salientar as respostas e comportamentos notados na conjuntura do estado de Minas Gerais frente a tal cenário, com o intuito de propiciar uma reflexão embasada em múltiplos aspectos, os quais permitem uma visão não exclusivista ou privilegiada acerca da indagação que se propôs a permear as próximas discussões e análises – motivações e significados que entremearam a manifestação uberlandense de comemoração e legitimização da ditadura.

O estado mineiro tinha como representante político Magalhães Pinto, o qual foi governador de Minas Gerais em 1961 e assim permaneceu até 1966. A trajetória política do governador traz contribuições significativas para a compreensão do cenário vivenciado em 1964, quando o desfecho do golpe militar foi fruto de uma iniciativa mineira chancelada por Magalhães Pinto.

*ARTICULADOR e iniciador do movimento que culminou com o afastamento do Presidente. João Goulart, o Governador Magalhães Pinto foi aclamado em Minas como o grande herói da insurreição vitoriosa e calorosamente festejada em todo o Estado.<sup>51</sup>*

Ao avaliar a trajetória política de Magalhães Pinto, é importante destacar que o mesmo foi um dos signatários do Manifesto dos Mineiros, que em 1943 representou o primeiro pronunciamento público de setores liberais contrários ao Estado Novo, até então ausentes em contestações públicas. A oposição ao Estado Novo foi fortalecida no início de 1945 e no mês de Abril desse mesmo ano foi fundada a União Democrática Nacional (UDN), em prol da

---

<sup>51</sup> AMORIM, Oswaldo; ALFREDO Luiz; NICOLAU, José. Magalhães, o herói da Revolução. **O Cruzeiro**. 10 abr. 1964. Disponível em <[http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/10041964/100464\\_4.htm](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/10041964/100464_4.htm)>. Acesso em 23 jul. 2008.



defesa da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República, uma vez que se mostrava antagônica a Getúlio Vargas. As eleições presidenciais de Dezembro de 1945 não refletiram as aspirações do então recente partido, uma vez que, Eurico Gaspar Dutra fora eleito a presidência da República pelo Partido Social Democrático (PSD). Entretanto, a UDN não deixou de ter sua representatividade. Na mesma eleição de dezembro, Magalhães Pinto, já afiliado a União Democrática Nacional, foi eleito deputado à Assembléia Constituinte por Minas Gerais, iniciando a sua trajetória parlamentar.

A atuação de Magalhães Pinto como deputado não se limitou a apenas um mandato, ao contrário, o mesmo foi reeleito de forma sucessiva, de 1950 a 1958, sendo que, nesse último ano tornou-se presidente da UDN em Minas Gerais e já em 1959 foi eleito presidente nacional do partido. O êxito de Magalhães Pinto em sua vida política, ainda o nomeou governador de Minas Gerais nas eleições de 1960, apoiado pela UDN, que no âmbito nacional indicava vitória na candidatura à presidência da República por Jânio Quadros, portanto, uma afinidade de interesses do plano federal com o plano estadual.

Entretanto, a atuação de Jânio Quadros foi demasiada curta, uma vez que, já em agosto de 1961 o político renunciou à presidência da República. Nesse momento, vários políticos, dentre eles Magalhães Pinto, discutiram a possibilidade de impedir a posse do então vice-presidente João Goulart, sob a alegação de suas afeições para com a esquerda e os sindicatos.

*Magalhães Pinto entrou em rota de colisão com o governo Goulart praticamente desde o seu início. Em meados de 1963, envolveu-se diretamente nas articulações que visavam à derrubada do presidente.*<sup>52</sup>

O discurso de posse de Magalhães Pinto já evidenciava suas intenções, onde o político se referenciou nos valores cristãos e no patriotismo para solicitar aos seus ouvintes a

---

<sup>52</sup> MAGALHÃES Pinto. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.** Disponível em <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jgoulart/hm/biografias/Magalhaes\\_Pinto.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/hm/biografias/Magalhaes_Pinto.asp)>. Acesso em 25 jul.2008.

união em prol do bem comum. Desta forma, reforçava em suas palavras a necessidade dos governos (estadual e federal) na busca da renovação do Brasil e indicava Minas Gerais como portadora do movimento de vanguarda em tal renovação.

*Minas, assim, não deveria ser somente espelho para a nação brasileira, mas deveria também estar a frente, na vanguarda do processo de mudança do país. Os verbos mudar e renovar já demonstravam uma preocupação de legitimar o surgimento de novas lideranças políticas – os udenistas – e de rediscutir a própria imagem do político mineiro.<sup>53</sup>*

Desta forma, em Minas Gerais deveriam prevalecer os interesses do estado acima de qualquer diferença partidária e social, possibilitando assim um discurso coeso e bem estruturado frente ao cenário nacional. As diferenças políticas eram solucionadas através das nomeações a cargos públicos, moeda de troca para o apoio político de outros partidos em relação à atuação udenista de Magalhães Pinto. As relações com a sociedade também eram pautadas no sustentáculo do “bem comum do Estado” e por isso, todos os mineiros deviam estar imbuídos nessa mesma finalidade, superando possíveis conflitos e desavenças.

O discurso de renovação do Brasil com o pressuposto de um apoio vanguardista provindo de Minas Gerais, por vezes era suavizado, dando espaço para algumas contestações de Magalhães Pinto em relação à política federal. O governador defendia a necessidade de maior atenção para a industrialização do estado mineiro, afirmando sua posição desfavorável frente a grandes centros, o que refletia uma Minas Gerais com foco em matérias primas e manufaturas. Nesse momento, Magalhães Pinto denota uma contradição com sua proposta inicial de se fazer portador de uma mudança a nível nacional, priorizando interesses estaduais, em detrimento do interesse nacional.

---

<sup>53</sup> OLIVEIRA, Selmane Felipe de. **Minas Gerais na ditadura militar: lideranças e práticas políticas (1971-1983)**. Uberlândia. Rápida, 2001, p. 18.

*Ao se iniciar a década de 60, a situação da indústria em Minas Gerais diferia estruturalmente da nacional, ficando claro o seguinte quadro: as indústrias produtoras de bens não duráveis de consumo – o setor tradicional – ainda participavam com 52,1%, do produto industrial, sendo que os ramos alimentar e têxtil detinham 37,5% do produto industrial mineiro.<sup>54</sup>*

Portanto, é válido destacar que, apesar de algumas manifestações contrárias as políticas do governo nacional, Magalhães Pinto não deixou de se concentrar em seu objetivo “de falar pela nação” e demonstrar apoio as propostas de Jânio Quadros. “..., pode-se afirmar que a relação entre Goulart e os políticos mineiros, durante a administração janista, foi contraditória.”<sup>55</sup>. Apesar da oposição ao comunismo, a Assembléia Legislativa nomeou João Goulart com o título de cidadão honorário de Minas Gerais, o que, dentre outras motivações, favoreceu o vice-presidente quando da renúncia de Jânio Quadros.

Em virtude da postura apresentada, Magalhães Pinto foi indicado para Primeiro Ministro naquele momento de renúncia do presidente e necessidade de definição do cenário político nacional. O então governador mineiro recusou o convite, colocando como principal justificativa a necessidade de cumprir suas propostas enquanto governador, visto que, já havia estabelecido um compromisso com o povo. É notório que, caso Magalhães Pinto pleiteasse o cargo de Primeiro Ministro em tais circunstâncias, permitiria o descrédito para sua proposta de uma solução pacífica e constitucional para a crise, que por sua vez, trazia recôndito a talante de se tornar presidente da República.

A atribuição de Primeiro Ministro foi delegada a Tancredo Neves, candidato oponente de Magalhães Pinto nas eleições para governador do estado de Minas Gerais em 1961. Apesar de ter em Tancredo Neves seu opositor político, Magalhães Pinto apoiou a indicação, o que veio a acentuar sua postura na defesa do “bem comum, dos interesses nacionais”. Em sua função de Primeiro Ministro, Tancredo Neves buscou apoiar as reformas propostas por João

<sup>54</sup> STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Os senhores das Gerais: os Novos Inconfidentes e o Golpe Militar de 1964**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1986. p. 52.

<sup>55</sup> OLIVEIRA, Selmane Felipe de. *op. cit.*, p. 24.



Goulart, entretanto, de forma mais suavizada ao se comparar com a postura e as solicitações da esquerda.

*Assim, mais do que defender reformas, enviar decretos, enfim, governar no parlamentarismo, João Goulart estava interessado na volta do presidencialismo. Esta foi sua principal luta não apenas no gabinete de Tancredo Neves, como também com Brochado da Rocha e Moura Andrade, e contou com o apoio de políticos como Juscelino Kubitschek e Magalhães Pinto, ambos, aliás, estavam pensando nas eleições presidenciais de 1965.<sup>56</sup>*

Magalhães Pinto demonstrava apoio à efetivação do presidencialismo frente ao atual cenário de parlamentarismo, entretanto, tal apoio não conotava concordância com os preceitos de João Goulart, mas sim, representava mais uma tentativa de preparar sua possível candidatura a presidência da República. Tal postura do governador mineiro marcou um desencontro em relação à disposição das lideranças mineiras, caracterizadas pelo apoio ao governo federal. A resistência de Magalhães Pinto se apoiava no seu já mencionado interesse em se firmar como Presidente da República nas eleições de 1965, adicionado as divergências ideológicas e políticas, bem como era incitada pelos Estados Unidos, que através da “Aliança para o Progresso”, promovia a redução da dependência do governo mineiro em relação ao governo federal.

*A partir de 1963, Magalhães Pinto passou a desenvolver intensa atividade de conspiração anti-Goulart que se alastrava nacionalmente. Na segunda quinzena de março de 1964, já como parte do golpe iminente, convocou algumas das lideranças de mais prestígio em Minas (como o udenista Milton Campos e o pessedista José Maria Alkmin) para integrarem o governo. Em seguida, precipitou as ações, com o apoio dos principais comandantes militares baseados em Minas, os generais Olímpio Mourão Filho e Carlos Luís Guedes.<sup>57</sup>*

Quando da preparação para o golpe contra a então liderança federal, Magalhães Pinto reafirmou seu lema de união sob o aspecto do “bem comum” e de “interesses maiores”, superando assim possíveis desencontros, sejam eles de qualquer natureza. Desta forma,

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*, p. 26.

<sup>57</sup> *Idem, ibidem*, p. 27.



lideranças políticas de diversos partidos foram acionadas, bem como as lideranças militares foram solicitadas a compadecer dos intentos do movimento. Assim sendo, Magalhães Pinto enfim consolidava sua deliberação em se tornar uma referência nacional. A imprensa denotava o político como vanguardista na restauração da ordem e da democracia no país. Entretanto, é válido destacar que os logros esperados pelo político não foram atingidos. O golpe, que não se fez exclusivamente com a ação mineira, foi conotado à atuação dos militares que, de fato obtiveram os maiores proventos da medida adotada.

*[...] aliado a dois generais mineiros, articulou um golpe de Estado, derrubou um governo legalmente constituído e, em seguida, se viu forçado a entregar o poder a outros grupos e organismos desconectados da conspiração mineira – a famosa versão do “golpe dentro do golpe”...<sup>58</sup>*

Nesse sentido, é válido destacar o papel mineiro na efetivação do golpe, porém, como um marco que não atendeu as expectativas do então governador, visto que, a tomada do poder foi atribuída e efetivada pelos militares, frustrando assim os objetivos de Magalhães Pinto que tinha a forte perspectiva de assumir o governo do país.

*Certa vez Vianninha escreveu na apresentação de uma de suas peças sobre a “sensação de ir descamando a realidade, de ir tirando pedaços e pedaços de sua superfície para chegar mais e mais até sua intimidade, seus núcleos”. Para atingir os “núcleos do que ocorreu em Minas e que culminou com o levante militar em 1964, é também necessário “descamar” a realidade, retirando os pedaços que cobrem sua superfície externa e ocultam o real. Para tanto, vamos subir em direção às montanhas de Minas; façamos o caminho inverso do percorrido pelas tropas do general Mourão na noite de 30 de março.<sup>59</sup>*

<sup>58</sup> STARLING, Heloisa Maria Murgel. *op. cit.*, p. 12.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem.* p. 38.

### 2.3) Contexto uberlandense: a efetivação do golpe

Ainda no intuito de promover uma avaliação que vislumbra a análise do local como parte do todo, em suas congruências e intersecções, é válido destacar que assim como patrocinado por Magalhães Pinto a nível estadual o discurso do “bem comum” em prol de uma nação melhor, os políticos uberlandenses se compadeceram da causa e promoviam assim os interesses estatais.

Com o intuito de vislumbrar o contexto da cidade nos momentos que antecederam o golpe militar, vale destacar que na década de 50 houve uma intensificação no intento de industrialização da cidade. Assim como citado por Idalice Silva, o projeto tomou força com o incentivo da política desenvolvimentista do então presidente Juscelino Kubitschek que, ao construir Brasília no Distrito Federal inseriu Uberlândia numa posição estratégica<sup>60</sup>. Já em 1959 houve o recrudescimento do objetivo de industrialização, sendo o mesmo traduzido na defesa de implantação do parque industrial na cidade, considerando que, vários elementos favoreciam a industrialização de Uberlândia como, posição geográfica, infra-estrutura, bases econômicas, bem como o anseio das classes dirigentes. Nesse sentido, o exemplo de São Paulo era uma referência comumente recorrida, considerando que, a capital incentivava e divulgava suas amplas condições e recursos, construindo assim sua imagem como cidade atrativa e favorável aos complexos industriais.

O anseio pela industrialização uberlandense denota a transformação da sociedade e qualidade de vida, discurso esse intensamente promulgado pelas classes dirigentes que, vislumbravam expurgar os conflitos sociais, especialmente aqueles que representavam entraves significativos no ideal desenvolvimentista de Uberlândia.

---

<sup>60</sup> SILVA, Idalice Ribeiro. “Flores do mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia – 1945 – 1954. 2000. 445 f. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, SP. 2000, p. 18.

*Nas visões da imprensa, a industrialização significava uma transformação vital na sociedade, uma melhoria na qualidade de vida. Significava promover o bem-estar do povo, libertando-o dos grilhões da escassez, destruindo a pobreza e a miséria tão ameaçadoras ao mundo dos ricos, como fora no malfadado ano de 1959, quando os revoltosos insurgiam contra a carestia, destruíram os cinemas e saquearam os armazéns da cidade. Simbolizava a chave que abriria as portas da felicidade social, ofuscando/dissimulando as amargas cenas das contradições sociais.<sup>61</sup>*

É importante salientar que dentre as “amargas cenas das contradições” citadas acima, a presença comunista era notada em Uberlândia mesmo após contínuos esforços para reprimi-la, objetivo esse imbuído pela ideologia da construção de uma cidade progresso que conseguia oprimir o discurso político, entretanto, não apagou as manifestações comunistas ali existentes.

*A campanha anticomunista e a repressão policial que, desde a década de 1920, acometeram os comunistas não obstaram a fundação do PCB em 1945, e menos ainda, impediram que quatro vereadores comunistas fossem eleitos no pleito de janeiro de 1947 e um vereador tivesse sido sufragado nas eleições de 1950 – época em que, segundo a autora, o partido se encontrava na clandestinidade, mas conseguiu infiltrar seu candidato em outro partido político, e assim, conquistar sua ‘representação política’<sup>62</sup>*

Dessa forma, nota-se que o discurso progressista e ordeiro promulgado pela elite uberlandense impregnou a visão da cidade com uma superioridade no que se refere ao trato das diferenças, especialmente as ideológicas e políticas.

*...onde, não faz muito tempo, ignorava-se a necessidade de fazer emergir e preservar a memória de outros personagens também constitutivos do seu cenário social, em contrapartida à instrumentalização da história pelas classes dirigentes, que, recorrentes vezes, manipulam os fatos; escamoteiam as realidades incômodas e forjam uma memória coletiva que, em diversas passagens da história local, imergiu no esquecimento a realidade vivida no passado por muitos de seus personagens.<sup>63</sup>*

Assim, nota-se que o cenário político uberlandense apresentava correspondência com o âmbito nacional. Há o esforço em conceber o tão desejado desenvolvimento e, para tal, a necessidade de minorar ou mesmo eliminar oposições em relação a esse intento. No momento

<sup>61</sup> *Idem, ibidem*, p. 79.

<sup>62</sup> *Idem, ibidem*, p. 42.

<sup>63</sup> *Idem, ibidem*, p. 18.



de efervescência das ações que culminariam no golpe de 1964, a cidade de Uberlândia era representada pelo prefeito Raul Pereira de Rezende, que desempenhou a liderança política da cidade de 1963 a 1966. É imprescindível mencionar a característica da cidade uberlandense no que diz respeito à alusão ao progresso e ao desenvolvimento.

*Até os nossos dias, são evidentes as permanências (e descontinuidades) dos discursos veiculados pelas classes dirigentes que, por intermédio de diversos meios de comunicação, principalmente da imprensa, intentaram cristalizar na memória coletiva a imagem ordeira e progressista dessa cidade. Uma "sociedade civilizada" que, conforme os discursos dominantes, pela causa do progresso sobrepujou conflitos e lutas entre as classes, conciliou interesses díspares e edificou-se sobre a plataforma basilar da solidariedade social.<sup>64</sup>*

A consonância do discurso local com o objetivo estadual era evidente, ou seja, para atingir a interesses maiores, as disparidades são tratadas como plano de fundo em um cenário com destaque é estabelecido conforme interesses específicos de determinadas classes, os quais se pretender estipular a qualquer custo.

*Por detrás do discurso da classe dominante relativo ao aumento vertiginoso, nas décadas de 60-80, da violência em Uberlândia, esconde-se um projeto político de disciplinarização do espaço urbano que possibilite combater quaisquer reivindicações das classes menos favorecidas e evitar manifestações como o quebra-quebra de 59, que assustou e mostrou a dimensão que pode assumir a insatisfação popular ante um poder despreparado.<sup>65</sup>*

Desta forma, o contexto nacional, marcado por uma inquietação da situação política, bem como da possibilidade da exequibilidade das propostas que venham a atender anseios do povo em detrimento de metas previamente estabelecidas pelas lideranças com primazia no desenvolvimento e progresso (mesmo que a qualquer custo), assustava também a elite de Uberlândia.

<sup>64</sup> *Idem, ibidem*, p. 18.

<sup>65</sup> SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. (orgs). **A cidade em debate**. São Paulo. Editora Olho d'Água. 1999, p. 201.



*Tivemos portanto, governismo e oposição simbolizando duas tendências diversas, isto é, a caudilhesca, implantada em nossa pátria desde a ditadura getulista, e a democracia vitoriosa com o evento janista em 1960, mas logo em seguida eclipsada com a tragédia da renúncia que determinou a ressurreição do regime tenebroso e corrupto que vai levando as instituições para o abismo da demagogia e a irresponsabilidade.*<sup>66</sup>

É importante destacar que, a elite local não era simpatizante as propostas defendidas por João Goulart, ao contrário, nota-se a concordância com movimentos contrários a efetivação de Jango como presidente da República, repudiando as ações que primavam por atender a interesses que iam ao encontro de anseios de uma parte da população até então, à margem das decisões políticas, uma vez que essas sempre foram legitimadas pelo discurso de progresso e bem da nação. “Goulart era visto como um demagogo, autoritário e protetor dos comunistas. Para a esquerda, Jango era um político sensível aos anseios populares”<sup>67</sup>

Apesar da não concordância para com os projetos políticos do então líder da nação, Uberlândia mantinha sua posição de ilustrar João Goulart em eventos de representatividade para a cidade, comportamento que pode ser cotejado com a postura do governador do estado mineiro Magalhães Pinto, que como já mencionado, não titubeava em se mostrar avesso ao governo de Jango, entretanto, mantinha sua posição de buscar uma solução pacífica e constitucional para a crise.

*A Comissão Organizadora do Congresso de Desenvolvimenot do Vale do Paranaíba acaba de enviar telegrama ao Exmo. Sr. Presidente da República. Dr. João Belchior Goulart, convidando para presidir as solenidades de encerramento do referido Congresso, no dia 19 do corrente. Ao mesmo tempo, telegrama foi enviado ao Exmo. Sr. Governador do Estado de Minas Gerais, Dr. José de Magalhães Pinto, convidando-o para presidir a sessão de instalação do mesmo Congresso e instalar durante os dias 16, 17, 18 e 19, o gôverno mineiro, entre nós.*<sup>68</sup>

<sup>66</sup> PAES, Lycídio. Manobras ineptas. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 7/8 jan. 1964, p. 5.

<sup>67</sup> PEREIRA, Andreza; PEREIRA, Mateus. **Entre loucos e fracos: Jânio Quadros e João Goulart em livros didáticos de história (1973-2006)**. Uberlândia. Cadernos de História, v.15, n.1, p 47-66, set.2006/set.2007, 2007, p. 53.

<sup>68</sup> JOÃO Goulart e Magalhães . **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 10 jan 1964, capa.

Considerando o arrazoado em prol do desenvolvimento de Uberlândia, a contribuição do presidente da república João Goulart se fez presente também em um dos importantes acontecimentos locais, representado pela criação da Escola Federal de Engenharia de Uberlândia.

*O ministro da educação e cultura, prof. Julio Sambaqui, ouvido pela reportagem, declarou que a Escola Federal de Engenharia de Uberlândia será das maiores e mais bem aparelhadas de todo o país, instalada com os rigores da técnica educacional. Como é sabido a Escola de Engenharia está para ser instalada, já que o presidente João Goulart, assinando o decreto, deu o toque final ao seu funcionamento.<sup>69</sup>*

Contudo, as menções a João Goulart e sua atuação política no desenvolvimento do estado mineiro bem como da cidade de Uberlândia, não eram marcadas circunscritamente por feitos destinados a interesses das lideranças políticas estaduais e locais. Com o logro do retorno ao presidencialismo em 1963, João Goulart atribuiu substancial empenho nas reformas de base e dentre elas, a reforma agrária possuía especial atenção do presidente, que buscava a aprovação da emenda constitucional para ausentar a obrigatoriedade do pagamento antecipado em dinheiro para os casos onde se fizesse necessário a desapropriação conforme interesses sociais.

A medida desagradava profundamente os setores conservadores, em especial, a UDN e o PSD. Frente a vários impasses encontrados para aprovação da proposta no Congresso Nacional, João Goulart buscou adesão de medidas que poderiam ser executadas sem o preceito de aprovação de uma ação legislativa, recorrendo então a Superintendência de Política Agrária (SUPRA) para desempenhar o papel de implementação da política agrária, em seus moldes previamente estabelecidos.

*A SUPRA (Superintendência de Política Agrária) foi uma autarquia criada em 1962, diretamente subordinada à presidência da República, que tinha*

---

<sup>69</sup> FACULDADE será das melhores do Brasil. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 12/13 jan. 1964, capa.

*por objetivo centralizar o planejamento e a implementação da política agrária.<sup>70</sup>*

Desta forma, a SUPRA passou a incentivar os movimentos camponeses e a estabelecer as propostas de reforma agrárias sem a necessidade de intervenção do legislativo que, há muito demonstrava descontentamento para com as premissas da medida. Apoderando-se das questões agrárias, foi publicado o Decreto SUPRA.

*... o qual declarava ser de interesse social e, portanto, desapropriáveis os imóveis com mais de 500 hectares compreendidos em um raio de 10 quilômetros dos eixos de rodovias e ferrovias federais, e as terras beneficiadas ou recuperadas por investimentos da União em obras de irrigação, drenagem e açudagem.<sup>71</sup>*

O decreto foi assinado no dia 13 de março de 1964, quando João Goulart realizou o Comício da Central, entretanto, antes mesmo da sua efetivação, o decreto provocava reações acerca das suas possíveis conseqüências.

*SUPRA – Supra vai Supra vem. Agora a Supra deu nas costas do Magalhães e do PSD... O Jango aciona o motor, os meninos gritam, o país sorri... e o camponês espera. Depois da SUPRA, outras reformas. E de reforma em reforma, ganha tempo o Jango e o desgaste da nação aumenta. E agora José? E depois?...<sup>72</sup>*

Para além das aversões relacionadas ao plano de governo de João Goulart, o qual esmerava ações em prol de reformas que vinham de encontro aos interesses das classes dominantes, as opiniões acerca do contexto pré-golpe em Uberlândia corroboravam para o lema estadual de encontrar uma solução pacífica para a *crise* em que o país estava imerso,

<sup>70</sup> LEIBRUDER, Ana Paula. **O posicionamento da UDN sobre o projeto de reforma agrária do governo João Goulart (1963-1964): estratégias de silenciamento da polifonia enunciativa.** São Paulo. Universidade de São Paulo, 2007. p. 94.

<sup>71</sup> *Idem, ibidem.* p. 95.

<sup>72</sup> SUPRA. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 12/13 jan. 1964, capa.



entretanto, era notável o descontentamento para com o presidente da República bem como os rumos aos quais o país era por ele direcionado.

*O governo é sentimental; distrai-se na contemplação do universo e de suas belezas naturais e esquece as suas funções. Não governa, mas goza as delícias das alturas em que paira, não vê que o povo sofre, mas sabe que ele respira, e respirar é um verbo de alta significação psíquica; emprega-se nas estrofes de mais transcendental concepção e de mais perfeita estrutura artística.<sup>73</sup>*

Desta forma, é válido salientar o não apreço das lideranças uberlandenses no que diz respeito ao então presidente da República, uma vez que, apesar da opção de mitigar as manifestações frente ao cenário nacional e as contestações acerca da situação do país, o desenlace da tomada do poder pelos militares fomentou a comemoração do feito em um ato de manifestação pública, intitulada Marcha com Deus Pela Liberdade.

*A monumental Marcha Com Deus Pela Liberdade foi uma festa do povo autêntica e espontânea. Mas foi também uma demonstração de que Uberlândia está ao lado da ordem, da democracia, em campo oposto ao comunismo atei e desagregacionista, destruidor da família brasileira. As escolas de samba do povo desfilaram, os estudantes, os trabalhadores, os operários, intelectuais, homens de comércio e do campo, enfim, todas as classes sociais disseram "presente" à marcha, simbolizando o "não" ao totalitarismo que se tentou impor ao Brasil livre."<sup>74</sup>*

A marcha é a expressão visível do apoio ao golpe militar em Uberlândia sendo esta aclamada pela imprensa como um ato cívico que trazia consigo a representatividade da população uberlandense a respeito do golpe militar.

*Uberlandenses de todas as categorias sociais, aos milhares, sem credo político, ou religioso, participaram na noite de anteontem da Marcha Com Deus Pela Liberdade, um dos maiores acontecimentos cívicos já ocorridos em nossa terra, comemorando a vitória da democracia, grito de legalidade*

<sup>73</sup> MELGAÇO, Valdir. Avaliações sem nexos. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 14/15 jan 1964, p. 4.

<sup>74</sup> NA MARCHA Povo Reafirmou <Não> Ao Totalitarismo. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 5/6 abr. 1964, capa.

*partida das montanhas altaneiras da gloriosa Minas Gerais. Massa humana incalculável superlotou a parte central da cidade, vinda de todos os bairros, portando faixas com dizeres patrióticos e desfilando ao som do Hino Nacional Brasileiro. Diversas bandeiras brasileiras eram transportadas na passeata, destacando-se a figura do grande prefeito uberlandense, sr Raul Pereira de Rezende que, misturando ao seu povo, também participou da marcha.*<sup>75</sup>

Ao mencionar a marcha e seu significado latente no que diz respeito a sua intenção em se fazer valer como um ato coletivo dos cidadãos uberlandenses é fundamental destacar que a cidade não se fazia representada ali como um todo. O jornal *Correio de Uberlândia*, assim como já destacado no primeiro capítulo, apresentava consonância com os interesses elitistas da cidade e trouxe a divulgação da marcha em comemoração ao feito militar como um ápice, uma vez que esteve em destaque na capa da edição do dia.

Assumir destaque na capa do *Correio de Uberlândia* não foi involuntário nem tampouco desprezioso. É válido destacar que na capa do periódico, acima do anúncio da marcha, há um destaque especial que pronuncia “Magalhães poderá vir hoje a Uberlândia”. Incluir a cidade de Uberlândia nos registros da calorosa manifestação de apoio ao golpe militar valorizava a condição da cidade como partidária do movimento então denominado democrático, o que torna-se estratégico em termos da obtenção do apoio político nacional e estadual em prol de consagrar Uberlândia como uma cidade modelo e em consonância com os objetivos políticos. O então prefeito Raul Pereira de Rezende não tardou em marcar sua presença em conjunto com os demais dirigentes uberlandenses de forma a recrudescer o caráter festivo e homogêneo perante o feito.

Nota-se assim que, a imprensa reafirma seu papel enquanto auxiliadora na estratégia política, enaltecendo uma cidade ordeira envolvida na “monumental Marcha com Deus pela Liberdade”, promulgada como representante incontestável do posicionamento de todos os uberlandenses perante o golpe “... tôdas as classes sociais disseram “presente” à marcha...”

---

<sup>75</sup> MELGAÇO, Valdir. Avaliações sem nexos. *Correio de Uberlândia*. Uberlândia, 14/15 jan 1964, p. 4.



# Marcha Povo Reafirmou «Não» Ao Totalitarismo.

## MAGALHÃES PODERÁ VIR HOJE A LIBERLÂNDIA

O GOVERNADOR MAGALHÃES, após visitar o Rio de Janeiro, poderá vir hoje a Uberlândia para visitar o povo e reafirmar o seu compromisso de não aceitar o totalitarismo.

### Milhares de Uberlandenses na Marcha Pela Liberdade

Uberlândia, 20 de Maio. - Uma grande manifestação popular, com milhares de participantes, realizou-se nesta manhã em Uberlândia, para reafirmar o compromisso do povo com a liberdade e a democracia.

A manifestação foi organizada pelo Comitê de Defesa da Liberdade e da Democracia, sob a liderança do Sr. João de Deus.

Os participantes marcharam pelas ruas da cidade, carregando bandeiras e cartazes, e entoando cânticos patrióticos.

Entre os participantes estavam representantes de todas as camadas da população, incluindo estudantes, trabalhadores e idosos.

A manifestação terminou com uma sessão de oração e um discurso de encorajamento.

# CORREIO DE UBERLÂNDIA

## Hoje: Abertura da X Exposição-Feira

Hoje, nesta manhã, será inaugurada a X Exposição-Feira, que promete ser uma das mais importantes da cidade. O evento será realizado no Estádio Central e contará com a participação de milhares de visitantes.

## TELEVISORES!

Colheres Maria, Meneses Brôças, Melher Aracimata, Irmãos Garcia, A LOJA DA CIDADE. Tangran vai a BH, Escola Farmacia.

## Trapezio

Trapezio, espetáculo de circo, apresentando os melhores artistas do mundo.

## EDITOR...

Editorial do jornal, abordando temas de atualidade.

## VAGAS - OPORTUNIDADES

Lista de vagas e oportunidades disponíveis em Uberlândia.

## AGORA SIM... AGORA SIM... AGORA SINGER

Publicidade para a marca SINGER, apresentando produtos e serviços.



*É muito natural a euforia que invade desde o primeiro dia deste mês todos os ângulos da nossa pátria com a desorganização completa da ditadura que se formava desta vez em conúbio com os dispositivos totalitários. Não é de hoje que a imprensa independente do país vem denunciando as manobras traiçoeiras do discípulo do ditador de 1930 para se apoderar do governo de maneira permanente. Eu mesmo, desta coluna tive ensejo de por muitas vezes alertar a opinião a respeito do perigo a que nos achavamos expostos; e ainda neste momento, os quais foram superados pelos acontecimentos[...]*

*[...] A situação agravava-se dia a dia com a ameaça contra as instituições e por fim foi impossível a dissimulação do golpe projetado. Os que, democratas sinceros, ainda prestavam solidariedade ao déspota incubado e o que se mantinham discretamente em expectativa tiveram que tomar atitude de defesa quando, na data de 13 de março, o comício da Guanabara assumiu o ponto alto das provocações e denotou a disposição de um ataque já iniciado contra a ordem estabelecida[...]*

*[...] Como quer que seja a democracia está salva de mais este assalto que lhe foi subrepticamente preparado com tempo e com técnica consumada, constatando, ao que parece, do seu planejamento e da sua execução, ou princípio de execução, até artífices estranhos à nossa nacionalidade. Mas a convicção democrática do nosso povo é por demais arroigada para que vingue no nosso solo a semente de qualquer outra ideologia.<sup>76</sup>*

É possível constatar que o jornalista anuncia de forma enfática o papel da imprensa na tentativa de alertar a população para o grande mal que estava instaurado no Brasil, e indica ainda que, apesar de toda a circunstância de temor, os democratas não pouparam sua solidariedade em relação ao governo Goulart. Entretanto, essa solidariedade não pôde ser sustentada perante o descabido comício, que pôs fim à benevolência dos democratas e os fez assumir uma postura definitiva. O discurso apresentando torna-se um sustentáculo na justificativa da tomada do poder. Busca indicar que não havia saída, tudo estava nitidamente perdido e sem solução aparente. “Diante de tais circunstâncias, torna-se incoerente aceitar a noção de que o jornal seja mero transmissor, neutro e imparcial, dos acontecimentos”<sup>77</sup>. Perante a efetivação do golpe militar o jornal reitera sua concordância com o regime estabelecido, bem como com os discursos promulgados pelos militares a respeito da legitimização do ato.

<sup>76</sup> PAES, Lycídio. Momento histórico. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 07/08 abr 1964, p. 3.

<sup>77</sup> ALMEIDA, Cristiane Rodrigues Soares. *op. cit.*, p. 50.

*O golpe de 64 viera para atuar em duas frentes: "a restauração da ordem interna e do prestígio internacional" do Brasil, como explicitamente declarava o ato institucional emitido pelos três ministros militares em 9 de abril de 1964.<sup>78</sup>*

Desta forma, Carlos Fico reafirma os objetivos do golpe militar de 1964, com vistas a atender aos anseios de uma classe específica da sociedade, que por meio da coerção militar instaurou no Brasil uma comemorada democracia nos setores da classe média, entretanto lastimada por aqueles que estavam despojados dos mesmos interesses da elite da sociedade. É válido destacar que o brilhantismo apresentado pelo então novo cenário progressista e ordeiro, almejado por uma parcela da sociedade e concretizado pelo golpe de 1964 não conseguiu ocultar seu caráter autoritário, que já estivera presente no próprio movimento de tomada do poder, entretanto, dissimulado e deturpado como a salvação do país.

É válido retomar as questões acerca história e jornalismo então discorridas nesse trabalho, evidenciando o papel do historiador com o trato das fontes tomadas para pesquisa bem como a necessidade do olhar múltiple, o que compete ao seu trabalho a possibilidade de observar por olhares diferenciados, a vivência dos atores sociais de um contexto. Assim, o jornal *Correio de Uberlândia*, representava um veículo da imprensa partidário aos interesses da elite local e por sua vez, com discurso inflamado que incitava a população uberlandense a tecer críticas veementes ao governo de João Goulart em prol de um discurso que favorece a classe média do país, porém tratado em meio a circunstâncias sociais, políticas e culturais plurais que, tentaram se fazer ofuscar em uma identidade maior de ordem e progresso, emblema político da elite uberlandense que justificava os esforços possíveis e necessários para a manutenção de uma população ordeira e parceira.

Todos estes significados transmitidos ao longo da década de 60 culminaram na expressão de apoio ao golpe militar que se concretizou em uma comemoração festiva: a

---

<sup>78</sup> FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 48.



Marcha com Deus pela Liberdade. A manifestação reafirmou os princípios anticomunistas e a satisfação com a tomada pelo poder dos militares, preceitos defendidos não só pela imprensa local, mas também pela classe dirigente da cidade.

Após a tomada do poder pelos militares, a primeira reportagem divulgada pelo *Correio de Uberlândia* trazia como chamada “A tormenta passou”, o que já remete a idéia de calma e satisfação em relação aos rumos do novo regime político.

*A tormenta passou, deixando seus vestígios no aumento da desvalorização de nosso sistema monetário e conseqüentemente supervalorização da moeda estrangeira. Naufrágio total não houve, em virtude da prudência, que é o apanágio do povo brasileiro.*<sup>79</sup>



Figura 2 – ilustração da matéria divulgada no jornal Correio de Uberlândia

O posicionamento do jornal ressalta os problemas decorrentes do legado anterior, entretanto, destaca que a perda não foi total. Nesse sentido, reafirma o apoio a tomada do poder, trazendo aos leitores a valorização daqueles que apoiaram o ocorrido como forma de salvação do país do então temido caos completo, disseminado com veemência nas páginas do jornal publicadas no contexto anterior ao golpe.

<sup>79</sup> COUTINHO, Everaldo. **E a tormenta passou**. Correio de Uberlândia. Uberlândia, 05 abr. 1964, p. 5.



Após a divulgação dessa primeira matéria, o *Correio de Uberlândia* não cessou em buscar a consolidação do golpe e incentivar o novo regime. Até o dia 27 de abril, o jornal não nomeou o golpe militar, apenas teceu considerações acerca do ocorrido, sob a ótica da valorização do mesmo. Já no dia 27 de abril foi publicada a reportagem com o título “Revolução Democrática de 31 de março”, data essa que marca a comemoração dos militares pela tomada do poder, que de fato, ocorreu em 1º de abril de 1964 bem como o início de uma série de publicações que consolidam o momento como uma revolução.

*Percebe-se, portanto, que foi criada uma memória por meio de publicações que tentavam hegemonizar o dia 31 de março como o marco da tomada do poder, que apesar de parecer insignificante, visto que é só uma data, atende a interesses específicos e tenta neutralizar formas de oposições.<sup>80</sup>*

Desta forma, destaca-se que na disputa pela hegemonia, as classes dominantes tiveram como forte aliado o jornal *Correio de Uberlândia* que, traziam reflexões entusiasmadas na defesa da então aclamada democracia, seguidas de críticas impetuosas em relacionadas ao pré 64, disseminando a eminente crise provável no caso de uma continuidade do governo pré golpe, com destaque para os prejuízos nacionais e suas conseqüências para a cidade de Uberlândia, fato esse que tinha como plano de fundo incitar os leitores a defesa e comemoração do regime militar estabelecido.

---

<sup>80</sup> FERNANDES, Orlanda Rodrigues. *op.cit.*, p. 42.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito de conduzir o trabalho em questão trouxe, dentre outros motivadores já citados, o anseio por respostas até então obscuras quando da tentativa de suscitar lembranças dos meus familiares em relação ao período da ditadura militar e sua repercussão na cidade de Uberlândia. Como admitir que um fato tão ímpar na história do Brasil não obteve repercussões significativas no contexto local?

*São conhecidas as artimanhas da memória. Imersa no presente, preocupada com o futuro, quando suscitada, a memória é sempre seletiva. Provocada, revela, mas também silencia. Não raro, é arbitrária, oculta evidências relevantes, e se compraz em alterar e modificar acontecimentos e fatos cruciais.<sup>81</sup>*

O aparente esquecimento produziu um incômodo que se traduziu em estímulo a buscar, através da pesquisa historiográfica, trazer a luz questões que perpassaram o contexto da ditadura militar na cidade de Uberlândia. Para tal, foi realizada a escolha da fonte tomada para objeto de pesquisa bem como o período analisado. Constituído o recorte para a condução do trabalho, é necessário destacar que há uma multiplicidade de problemáticas em meio ao contexto histórico abordado, onde não há pretensão alguma de esgotar discussões ou mesmo cercear o olhar do tema aqui analisado.

Ao contrário, a escolha do *Correio de Uberlândia*, bem como a seleção do período pré-golpe foi pautada na necessidade de estabelecer um foco à pesquisa, tendo o discernimento da pluralidade de atores que vivenciaram a conjuntura histórica trabalhada, bem como, a diversidade de autores que já teceram suas considerações acerca do tema, e muitos outros trabalhos em andamento ou ainda a serem produzidos, considerando a constante e dinâmica construção do saber histórico.

---

<sup>81</sup> REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.). *op. cit.*, p. 29.

As pesquisas realizadas com base no jornal *Correio de Uberlândia* se revelaram instigantes, uma vez que, o contato com o periódico trouxe a experiência de explorar a tratativa da imprensa local frente aos seus interlocutores, priorizando um ponto de vista determinado e que busca se fazer despretensioso. A missão de pautar a pesquisa nos veículos de imprensa, não consiste em algo fácil, visto que, os jornais trazem uma infinidade de discursos em suas entrelinhas, e se mostram incoerentes, ora com posturas favoráveis a determinados aspectos, ora tratando esses mesmos aspectos sob o crivo de uma contundente crítica.

Desta forma, “as verdades” são trabalhadas conforme necessidade e posicionamento do periódico, que apresenta uma trama perigosa ao priorizar fatos para consumá-los na máxima de uma “verdade”, e ao mesmo tempo, ocultar outros para que não seja um empecilho na formação do discurso ao qual se pretende forjar. Assim, a tão promulgada imparcialidade da imprensa não se sustenta, ao considerar que há sempre a tentativa de convencer o interlocutor ao que se veicula como meramente um informativo.

Com o jornal *Correio de Uberlândia* não foi diferente. A direção do jornal estava vinculada a UDN e apresentava interesses políticos atrelados à classe dominante uberlandense, que convergiam para uma postura claramente contrária ao governo João Goulart. Várias matérias em destaque são de autoria de Lycidio Paes, jornalista que traz discursos inflamados no contexto pré-golpe a respeito da preocupação com os rumos da nação em meio a uma iminente ameaça comunista. Respalado pela consonância de interesses políticos junto ao poder local, o jornal não cessou em defender os ideais de ordem e progresso, amplamente difundidos e traduzidos em discursos receosos ao se referir à proposta das Reformas de Base conduzida pela gestão de João Goulart.

É válido destacar que, em sua cumplicidade com os interesses da elite local uberlandense, o jornal não cessou em destacar a necessidade de defender a democracia.



Aplaudiu a marcha realizada em São Paulo em 19 de março de 1964 como resposta de oposição ao comício realizado por João Goulart em 13 de março desse mesmo ano, com o intuito de difundir as Reformas de Base e quando da efetivação da tomada do poder pelos militares, o discurso do periódico respaldou devidamente a ação, exaltando o acontecido como a “salvação” da democracia no país.

Com ênfase, publicou a então Marcha com Deus pela Liberdade realizada em Uberlândia como uma manifestação de apoio aos militares, enfatizando o ato como a “festa do povo”, na busca de apagar as diferenças e tornar o apoio dos dirigentes uberlandenses como unânime a todos os cidadãos.

As publicações subseqüentes a efetivação do golpe militar trouxeram a satisfação em tratar desse momento histórico, assim como denominada a matéria publicada no periódico datado de 7/8 abril de 1964. O contentamento com a situação do país agora livre dos perigos do então denominado “ditador comunista” João Goulart, era expresso de forma calorosa no discurso, enaltecendo a retomada dos rumos do país e a necessidade de comemorar o feito tão essencial, sem o qual toda a população estaria fadada a perecer sob o governo do “déspota incubado”.

Sendo assim, nota-se que o *Correio de Uberlândia* foi um veículo essencial na consolidação do ideário dos dirigentes políticos uberlandenses, uma vez que, perante a necessidade de manter Uberlândia no status de uma cidade ordeira e progressista, a gestão local buscava de forma evidente, consolidar o apoio das gestões estaduais e nacionais, sendo partidária na luta pela manutenção da democracia. É válido destacar que, o jornal como seletivo e intencionado a construir as “verdades” estabelecidas por aqueles responsáveis pelo poder.

As páginas do periódico não destacam em nenhum momento os aspectos corruptíveis da então defendida “democracia” e leva um discurso que elimina toda a pluralidade existente.

Cumpriu com excelência o papel de forjar o governo João Goulart como um alvo a ser abatido para o bem do país. Teceu em sua trama calculista uma história totalmente parcial, promulgando a defesa de uma parcela da sociedade – os dirigentes – que tinha como objetivo consolidar uma cidade ordeira e com objetivos homogêneos e consoantes com os interesses da elite nacional.

Enfim, a história é constituída por olhares e visões que selecionam seu objeto de pesquisa conforme instigações e motivações individuais. Anseio que esse trabalho possa, partindo do recorte aqui apresentado, motivar a busca incessante de novos olhares, novas abordagens e novos questionamentos a respeito da história local. Devido as múltiplas possibilidades de pesquisa, há muito que ser trabalhado, há muitas visões a serem definidas como objeto de investigação.

O trabalho em questão respondeu as minhas indagações que me motivaram na pesquisa, entretanto, despertou novos interesses e novos questionamentos, devido à vasta possibilidade abordar o tema. Percebo que, ao utilizar fontes como a imprensa – de certa forma recente no âmbito historiográfico – como objeto de pesquisa e que traz a necessidade do olhar cuidadoso das entrelinhas, há a possibilidade de trazer a tona vestígios que não foram apagados pelo tempo, incitando pesquisadores a inquietação de através deles, direcionar perguntas que possibilitará novos olhares sobre a mesma conjectura.

## FONTES

### TRABALHOS ACADÊMICOS

ALMEIDA, Cristiane Rodrigues Soares. **O governo João Goulart nas páginas da Folha de S. Paulo**. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. MG, 2008.

ARAÚJO, Fausto Rocha. **O Golpe Civil-Militar de 1964 e suas repercussões em Uberlândia: análise das publicações do jornal Correio de Uberlândia**. 2007. 111 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia). Curso de Bacharelado em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

FERNANDES, Orlanda Rodrigues. **Uberlândia Impressa: a década de 1960 nas páginas de jornal**. 2008. 161.f. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. MG, 2008.

SILVA, Idalice Ribeiro. **“Flores do mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia – 1945 – 1954**. 2000. 445 f. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, SP. 2000, p: 18.

### JORNAL

Ao povo. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 03 nov. 1961.

COUTINHO, Everaldo. E a tormenta passou. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 05 abr. 1964.

FACULDADE será das melhores do Brasil. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 12/13 jan. 1964.

JOÃO Goulart e Magalhães. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 10 jan 1964.



MELGAÇO, Valdir. Avaliações sem nexos. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 14/15 jan 1964.

MELGAÇO, Valdir. Constituição deve ser respeitada: posse ao presidente Jango. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 29 ago. 1961.

NA MARCHA Povo Reafirmou <Não> Ao Totalitarismo. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 5/6 abr. 1964.

PAES, Lycido. Defesa da democracia. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 24 mar. 1964.

PAES, Lycido. Elemento perigoso. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 20/21 fev. 1964.

PAES, Lycido. Manobras ineptas. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 7/8 jan. 1964.

PAES, Lycido. Momento histórico. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 07/08 abr 1964.

PAES, Lycido. O problema acelerado. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 6/7 fev. 1964.

Painel Político. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 09/10 fev. 1964.

SUPRA. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 12/13 jan. 1964.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRETON, Philippe; PROULX Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

CAPELATO, Maria Helena. **O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945)**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 12, set.91/ago.92.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia – o jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

KUSHINIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2004.

LEIBRUDER, Ana Paula. **O posicionamento da UDN sobre o projeto de reforma agrária do governo João Goulart (1963-1964): estratégias de silenciamento da polifonia enunciativa**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2007.

MAGALHÃES, Manoel Vilela de. **Edição jornalística: manual para estudantes de comunicação**. Brasília: Senado Federal, 1977. (Coleção Machado de Assis, v.37).

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: Jornalismo como produção social de segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso fundador – a formação do país e a construção da identidade nacional**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2001.

MELO, Demian. **Os militares e o plebiscito de 1963: usos do passado** — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.

MICELI, Sérgio. O papel político dos meios de comunicação de massa. In: SCHWARTZ, Jorge e SOSNOWSKI, Saul (orgs.). **Brasil: o trânsito da memória**. São Paulo: Edusp, 1994.

OLIVEIRA, Selmane Felipe de. **Minas Gerais na ditadura militar: lideranças e práticas políticas (1971-1983)**. Uberlândia. Rápida, 2001.

PEREIRA, Andreza; PEREIRA, Mateus. **Entre loucos e fracos: Jânio Quadros e João Goulart em livros didáticos de história (1973-2006)**. Uberlândia. Cadernos de História, v.15, n.1, p 47-66, set.2006/set.2007, 2007.

PINSKY, Jaime. Apresentação. In: MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **História do tempo presente**. São Paulo: Contexto, 2003. (Col. Textos e Documentos, vol. 7).

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.) O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964.2004). **1964: temporalidade e interpretações**. São Paulo: Edusc, 2004, p: 15.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.) O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964.2004). **Cães de guarda: entre jornalistas e censores**. São Paulo: Edusc, 2004.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs.) O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964.2004). **Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória**. São Paulo: Edusc, 2004.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.



SANTOS, Regma Maria dos. **Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycido Paes**. Uberlândia: Aspectus, 2005.

SANTOS, Regma Maria dos. **Práticas Culturais: as tipografias, os jornais e as livrarias de Uberlândia (1897–1950)**. História & Perspectivas, Uberlândia (40): 207-226, jan.jun.2009.

SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. (orgs). **A cidade em debate**. São Paulo. Editora Olho d'Água. 1999, p: 201.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Os senhores das Gerais: os Novos Inconfidentes e o Golpe Militar de 1964**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1986.

TOLEDO, Caio Navarro. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

## MEIOS ELETRÔNICOS / SITES NA INTERNET

AMORIM, Oswaldo; ALFREDO Luiz; NICOLAU, José. Magalhães, o herói da Revolução. **O Cruzeiro**. 10 abr. 1964. Disponível em <[http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/10041964/100464\\_4.htm](http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/10041964/100464_4.htm)>. Acesso em 23 jul. 2008.

MAGALHÃES Pinto. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em <[http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jgoulart/htm/biografias/Magalhaes\\_Pinto.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/biografias/Magalhaes_Pinto.asp)>. Acesso em 25 jul.2008.

O VETO dos militares a Jango. **Partido Democrático Trabalhista**. Rio de Janeiro. 2002. Disponível em <[http://www.pdt.org.br/personalidades/jango\\_historia\\_4.htm](http://www.pdt.org.br/personalidades/jango_historia_4.htm)>. Acesso em: 22 mar. 2008.